

ALÉM DA MORTE

Samael Aun Weor

O Venerável Mestre Samael Aun Weor escreveu uma inumerável variedade de livros, desde os de grande porte aos pequenos, mas em todos eles revelando conhecimentos preciosos a humanidade. Este pequeno livro, Além da Morte, trata de temas importantes para ir além da morte física, sobre o retorno, a reencarnação, como recordar as existências passadas, o desdobramento astral, como negociar o Karma , sobre medicina oculta e outros assuntos que devemos ter como comuns em nossa vida diária, trabalhando intensamente com o **DESPERTAR DA CONSCIÊNCIA**.

Primeiramente, este pequeno livro foi reunido em 1978 num livro maior denominado Teurgia e Magia Prática, sendo um livro que se aprofunda, em suas duas partes subsequentes, a temas que somente usaremos quando tivermos despertados uma boa porcentagem de Consciência: a conversa com os anjos, a invocação de elementais e dos gênios planetários, o Manual de Magia Prática e o Tratado Esotérico de Teurgia.

Esperamos que se iluminem as dúvidas quanto a estes temas, e se veja a urgência de vivenciar, hoje, em 2000, as portas do terceiro milênio, de forma direta este ensinamento entregue neste pequeno mais grandioso livro do Venerável Mestre Samael Aun Weor

Capítulo 1 – A morte.....	<u>2</u>
Capítulo 2 – Além da Sepultura.....	<u>4</u>
Capítulo 3 – A Reencarnação.....	<u>7</u>
Capítulo 4 – A Lei do Karma.....	<u>12</u>
Capítulo 5 – Fantasmas.....	<u>15</u>
Capítulo 6 – Acontecimentos Humanos.....	<u>18</u>
Capítulo 7 – Interessantes Relatos.....	<u>21</u>
Capítulo 8 – O Desdobramento.....	<u>24</u>
Capítulo 9 – Fenômenos Místicos.....	<u>27</u>
Capítulo 10 – Experiências Místicas de um Neófito.....	<u>30</u>
Capítulo 11 – Negócios.....	<u>33</u>
Capítulo 12 – Assuntos de Amores.....	<u>35</u>
Capítulo 13 – Feitiçarias.....	<u>37</u>
Capítulo 14 – Medicina Oculta.....	<u>39</u>

CAPÍTULO 1 – A MORTE

O que é a morte física?

A cessação de todas as funções orgânicas. A defunção.

O que há depois da morte?

A morte é profundamente significativa. Descobrimo o que ela é em si mesma, conheceremos o segredo da vida. Aquilo que continua além da sepultura somente pode ser conhecido por pessoas de consciência desperta. Você está adormecido, por isso desconhece aquilo que está além da morte. Teorias há muitas, cada um pode formular a sua opinião, porém o importante é experimentar diretamente tudo isso que pertence aos mistérios da morte. Posso assegurar-lhe que dentro da ultra desta grande natureza vivem as almas dos defuntos.

Por que existe o temor à morte?

O temor à morte se deve à ignorância. Sempre se teme o que se desconhece. Quando a consciência desperta, a ignorância desaparece e o temor ao desconhecido deixa de existir.

Sabemos que o corpo físico se desintegra na sepultura depois da morte, porém o que se passa com a alma? Para onde ela vai?

A alma dos defuntos continua nas dimensões superiores da natureza. Isso significa que os desencarnados podem ver o sol, a lua, as estrelas, os rios, os vales, as montanhas, da mesma forma que nós, porém de uma maneira mais esplêndida.

É verdade que depois de se levar uma vida de maldades e de libertinagem, se nos arrependemos na hora da morte, a alma pode se salvar?

Para o indigno todas as portas estão fechadas, menos uma, a do arrependimento. Naturalmente, se nos arrependemos, ainda que seja no último instante, podemos ser ajudados a corrigir nossos erros.

Por que voltamos como fantasmas a este mundo depois que morremos?

Saiba que neste planeta existe um universo paralelo, regiões da quinta dimensão vivem os defuntos. Esse mundo aparentemente invisível interfere como nosso sem com ele se confundir.

Para onde vai a alma de um ser humano que tira a vida de si mesmo?

Os suicidas sofrem muito depois de desencarnarem. Eles vivem aqui e agora na região dos mortos e um dia terão de voltar a outra matriz para renascem neste Vale de Lágrimas, quanto então morrerão contra sua vontade ao chegarem novamente àquela idade em que se suicidaram; quem sabe naqueles instantes em que estejam mais iludidos pela vida.

Espírito e alma são a mesma coisa?

Espírito se é, alma se tem. São pois diferentes.

Os animais e as plantas têm alma?

Sim ... tem. As almas vegetais são conhecidas em todas as lendas universais com o nome de Fadas. As almas animais são criaturas inocentes. Recordemos a palavra animal, se lhe tiramos o L ficará escrita assim: ANIMA.

Existe um julgamento superior depois da morte? Quem o faz?

Depois da morte, temos de revisar a vida que acaba de passar. Revivemo-la de maneira retrospectiva com a inteligência e com o coração. Concluído o retrospecto, temos de nos apresentar diante dos tribunais de Deus. Os Anjos da Lei, chamados de Senhores do Karma pelos orientais, nos julgarão de acordo com nossas ações. Desse julgamento pode resultar que passemos um período de férias nos mundos de luz e da felicidade, que regressemos a uma nova matriz para renascermos neste mundo imediatamente ou que sejamos obrigados a entrar no interior da terra onde estão os mundos infernais com todas suas penas e dissabores.

Quando um menino morre ao nascer, para onde vai a sua alma?

Está escrito que as almas dos meninos vão para o limbo, a região dos mortos, porém logo voltarão a entrar em uma matriz para renascermos neste mundo.

A que se deve sua morte ao nascer?

Deve-se à lei do destino; pais que precisam passar por essa dura lição, os quais em vidas anteriores foram cruéis para com seus filhos. Com esse sofrimento melhoram, aprendem a amar.

As missas rezadas em memória do morto servem de ajuda para a alma?

Qualquer ritual ajuda as almas dos defuntos. É claro que as orações dos parentes e amigos levam consolo às almas dos falecidos.

CAPÍTULO 2 - ALÉM DA SEPULTURA

Por que na hora de morrer uns choram , uns cantam e outros sorriem?

Sua pergunta se divide em três partes. Primeira: Esta escrito que se nasce chorando e se morre chorando. Segunda: há casos em que o moribundo canta por recordar momentos felizes do passado. Terceira: sabem sorrir, ainda que não seja comum, aqueles que possivelmente recordem cenas agradáveis de sua vida.

Quem manda a alma sair do corpo para que ele possa ser sepultado?

No momento em que o moribundo exala seu último suspiro, concorre ao leito mortuário um Anjo da Morte; deles há legiões. O anjo funerário corta o cordão de prata ou fio da vida que liga a alma com o corpo físico. O moribundo vê esse anjo na sua aparência espectral e a gadanha com que se apresenta é real. Esse instrumento de trabalho serve exatamente para que a deidade possa cortar o fio da existência.

O que comem os defuntos e com o que pagam?

Aqui no México comemoramos o dia de finados no dia 2 de novembro de cada ano. Nesse dia, as pessoas visitam o cemitério, põem velas acesas nos sepulcros e em pratos, vasilhas e copos aqueles alimentos e bebidas que o defunto mais gostava quando vivo. É costume de alguns comer depois essas sobras. Qualquer um dotado de um pouco de sensibilidade psíquica poderá notar que falta a estes manjares o princípio vital. As gentes simples pensam e acertadamente que o ser desencarnado se alimenta com essas iguarias. Não há dúvidas, os falecidos realmente comem, não há parte física dos alimentos e sim a parte etérica, sutil, desconhecida para a visão física, contudo perceptível para a clarividência. Não esqueçamos que em todo alimento físico há a contraparte etérica, facilmente assimilável pelos defuntos.

Os desencarnados podem visitar um restaurante do mundo físico. Eles saudarão e o subconsciente dos vivos lhes responderá. Eles pedirão comida e o Ego interno dos donos de restaurante trará à mesa deles formas mentais semelhantes aos pratos que são consumidos no estabelecimento. O falecido sentado à mesa comerá desses pratos sutis, feitos com essência do mundo mental e pagará com moeda mental, sairá a seguir do restaurante. Em tais condições, é óbvio que os mortos seguem crendo que estão vivos e isso pode evidenciar qualquer pessoa que haja desenvolvido a clarividência e as outras faculdades da alma.

Onde moram os defuntos?

Eles vivem os primeiros dias na casa, na clínica ou no hospital onde faleceram. Depois, com tem de reviver a vida que acabou de passar, viverão naqueles lugares onde antes moravam.

Como se vestem os defuntos?

Como costumavam se vestir quando vivos. Comumente vestem-se com aquela roupa com que foram enterrados.

Quais são as suas diversões?

O bêbado continuará frequentando os bares, os espectadores os cinemas, o jogador os locais de apostas, a rameira os bordéis onde vivia, o libertino estará onde elas estejam, etc.

Que sol ilumina os defuntos?

O sol que ilumina os mortos é o mesmo que ilumina os vivos, apenas que aqueles o vêem em cores além do espectro solar. Eles vêem cores que a retina física dos mortais não percebe.

Os mortos tomam banho e com que água o fazem?

Eles banham-se com as mesmas águas com que os vivos tomam banho, somente que eles usam água da quinta dimensão.

Por que algumas pessoas morrem mais depressa que outras?

Há pessoas que se apegam demasiado ao mundo e dele não querem partir, por isso demoram agonizando por horas a fio.

Que esperança tem os defuntos?

Os mortos prosseguem com as mesmas tarefas que tinham quando viviam, já que não suspeitam haverem morrido.

Um defunto pode se transladar para onde ele quiser, tal como fazia na vida?

Os defuntos tem plena liberdade para se moverem em todos os lugares do espaço e para visitar todos os locais.

Com que luz se iluminam os mortos?

Eles se iluminam com a luz astral. Essa luz é um fogo desprendido do nimbo do sol e fixado na terra pela força da gravidade e pelo peso da atmosfera.

Sente-se alguma dor ao morrer?

A morte é dolorosa para os jovens e deliciosa para os velhos. Isto é semelhante a um fruto. Quando já está maduro, cai por seu próprio peso, porém quando está verde não cai. Poderia se dizer que sofre com o desprendimento.

Poderá alguém reconhecer seu corpo no ataúde depois de haver morrido?

Podem vê-lo, mas não o reconhecem. Como possuem a consciência adormecida jamais acreditam que aquele seja seu próprio corpo. Pensam que se trata do corpo de outra pessoa.

Se uma pessoa se der conta que morreu, pode voltar ao corpo físico antes de que o sepultem?

Depois de cortado o fio da vida, ninguém poderá se meter em seu corpo. Neste caso, quando a pessoa se tornasse consciente de que realmente morreu, ou se assustaria terrivelmente ou muito se alegraria. Tudo depende das condições morais do defunto.

Que consolo recebe a alma quando seu corpo morre?

O consolo dos desencarnados é a oração dos parentes e amigos. Há que se orar pelos mortos.

Cada um tem seu dia, hora e minuto fixado para morrer?

Toda a pessoa que vem a este mundo recebe um capital de valores vitais. Quando esse capital se acaba, sobrevem a morte. Esclarecemos que se pode poupar tais valores e com isso se alongar a vida. Aqueles que não sabem economizar os valores vitais morrem mais ligeiro.

Um defunto pode levar um vivo ao mundo dos mortos?

Nós gnósticos aprendemos a sair do corpo físico à vontade; podemos visitar o mundo dos mortos. Em algumas ocasiões, os defuntos também podem levar as almas de seus amigos. Isto acontece geralmente durante o sono, porém terão de regressar ao mundo físico para despertarem. Isto significa que as visitas ao mundo dos mortos se faz durante o sono do corpo físico.

No mundo dos defuntos há aviões, carros e trens como no mundo físico?

Todos os inventos que existem no mundo físico vem precisamente da região dos mortos. Esses artefatos no fundo são formas mentais que os desencarnados podem ver, ouvir, tocar e apalpar.

CAPÍTULO 3 A REENCARNAÇÃO

Que se entende por reencarnação?

As pessoas comuns e correntes entendem por reencarnação o regresso a uma nova matriz. Isso significa que nós podemos reincorporar em um novo organismo humano. Não será demais acrescentar que ao regressar voltamos a nascer e a viver na mesma forma e do mesmo modo vivido na existência precedente.

Por que não recordamos nada de nossas vidas passadas?

As pessoas não recordam suas vidas anteriores porque têm a consciência adormecida. Se a tivessem desperta, logicamente se lembrariam de suas vidas anteriores.

Quem se reencarna?

Enquanto alguém tenha possibilidade de salvação, poderá regressar a uma nova matriz para se revestir com um outro corpo físico. Porém, quando o caso já for perdido, quando o sujeito se tornou um malvado definitivamente, quando nenhum castigo produz mais resultados úteis, então não volta mais, não lhe é dado mais outro corpo e assim ele entra nos mundos infernais onde somente se ouve o pranto e o ranger dos dentes.

Como podemos comprovar que regressamos a este mundo outra vez?

O retorno a este mundo depois da morte para uns é uma teoria, para outros um dogma, uma anedota, uma superstição ou uma crença. No entanto, para aqueles que recordam suas vidas passadas, o retorno é um fato. Isto significa que somente se lembrando de suas vidas anteriores, poderá alguém evidenciar a crua realidade da reincorporação ou regresso a este Vale de Lágrimas. Porém repetimos: só é possível se recordar as existências anteriores quando se desperta a consciência.

Para que voltamos a este mundo?

Voltamos a este mundo com o propósito de nos aperfeiçoar, pois infelizmente somos pecadores e precisamos terminar com nossos erros.

O que é que regressa a este mundo dos seres humanos?

O que retorna a este mundo é a alma do falecido.

Os animais e as plantas também regressam a este mundo?

As almas das plantas, dos animais e das pedras são os elementais da natureza. Eles retornam a este mundo de maneira contínua. Por exemplo, se uma planta seca e morre, o elemental desse vegetal renasce em outra planta. Se um animal morre, o elemental dessa criatura regressa a um novo organismo animal, etc.

Existe a predestinação?

Cada alma é o artífice de seu próprio destino. Se alguém pratica o bem, ganha uma boa sorte. Se faz o mal, renasce neste mundo para sofrer e para pagar tudo o que deve. Assim se explica porque uns nascem em um leito de plumas e outros na desgraça.

Gostaria de recordar as minhas vidas passadas, mas como tenho a consciência adormecida, que devo fazer para despertá-la?

Seguindo a senda da santidade. Eis o caminho para se despertar a consciência. Termina com teus erros, arrepende-te de tuas más ações, torna-te puro em pensamento, palavra e obra e eu te garanto que quando hajas alcançado a verdadeira santidade, terás despertado a consciência.

Por que muitos não creem que tiveram vidas anteriores?

Alguns não crêem simplesmente porque não recordam suas vidas passadas e de fato não se lembram porque tem a consciência adormecida.

Senhor, você se lembra de suas vidas passadas? Você constatou de fato que existe a reencarnação?

É claro que se não recordasse minhas vidas passadas não me atreveria a defender com tanta ênfase a doutrina da reencarnação. Felizmente, lembro-me com bastante clareza todas as vidas que tive no planeta Terra.

Quantas vezes pode alguém reencarnar nesta vida?

Está escrito com letras de ouro no livro da vida que se regressa 108 vezes a este mundo.

Por que uns reencarnam como homens e outros como mulheres?

Tudo depende dos acontecimentos da vida. Às vezes, temos que voltar em corpo feminino e outras vezes em corpo masculino. Sempre de acordo com as ações de nossas experiências anteriores.

Por que se diz que por tratar mal os animais pode alguém reencarnar como cavalo, cachorro ou gato?

As almas perdidas ingressam nos mundos infernais. Ali, como dizem as sagradas escrituras, passam pela Segunda Morte. Somente depois de tal morte é que as almas condenadas ficam limpas de toda mancha. Então podem voltar a este mundo. Evoluem como elementais minerais, ascendendo depois ao estado vegetal, a seguir reincorporam em organismos animais para finalmente reconquistar o estado humano que outrora perderam. Ao chegarem a estas alturas, se lhes concede 108 vidas a fim de que se façam perfeitas. Porém, se fracassam, voltam a repetir todo o processo de novo.

A que se deve o fato de alguém estar em certos lugares e ter a sensação de que já os conhece tão bem a ponto de poder descrevê-los com detalhes?

Esse fenômeno se deve ao fato de que em vidas anteriores já estive nesses lugares.

Quantas vezes se pode reencarnar em corpo humano, quantas vezes em corpo animal, quantas em vegetal e quantas em mineral?

O retorno dos seres humanos já está devidamente calculado em 108 vezes, porém o retorno em organismos animais, vegetais ou simplesmente minerais não tem um número exato.

Será possível se passar do reino vegetal ao humano ou do animal para o mineral?

Do reino vegetal se passa para o humano, mas através do reino animal. Isto significa que não podemos saltar porque a natureza não dá saltos. Se o elemental animal degenera, involui, retrocede para o estado mineral, passando antes, naturalmente, pelo estado vegetal.

Em que dimensão se encontram os elementais do reino vegetal e mineral?

As criaturas elementais vivem na quarta dimensão da natureza.

Somos nós os mesmos seres humanos dos tempos antigos que estamos a nos reencarnar ou alguns tem desaparecido definitivamente?

A humanidade atual é muito velha. Está retornando a este mundo há muitos milhares de anos.

Quanto tempo um ser humano espera depois de morto para receber um novo corpo?

Isso depende do destino de cada um. Uns renascem imediatamente e outros levam muito tempo para voltar.

Um estudante que haja começado a despertar sua consciência, ao morrer, pode dar-se conta do processo de reencarnação?

Quem desperta a consciência não precisa aguardar o momento da morte para recordar as vidas passadas. Ele pode recordá-las em vida, aqui e agora.

A Gnose considera justo o fato de que milhões de seres humanos vivam na mais completa ignorância sobre a evolução, a reencarnação, a realização e o despertar da consciência?

Nós gnósticos consideramos injusto que não haja pregadores suficientes, melhor diríamos missionários em quantidade para levar estes ensinamentos a todas as partes, mas não temos culpa disso. Acontece que à humanidade só lhe interessa se divertir, ganhar dinheiro e entregar-se aos prazeres. Se as pessoas fossem mais compreensivas, se preocupariam por estes ensinamentos e os divulgariam.

O que é a Segunda Morte e o que tem a ver com a reencarnação?

A Segunda Morte marca o fim de nossas paixões animais nos mundos infernais. Isto significa que no fim, os condenados, os perdidos, chegam à pureza original. Quando isso acontece, saem dos abismos infernais que existem no interior da terra. Então, como já dissemos, tais almas tornam a evoluir da pedra até o homem.

Quando a humanidade irá entender o porquê das reencarnações?

A Humanidade somente poderá entender o porquê das reencarnações no dia em que conseguir despertar a consciência.

Por que as pessoas nascem, morrem e voltam sempre a repetir o mesmo disco?

De fato, as pessoas repetem, como você disse, sempre o mesmo disco. Refiro-me à Lei de Recorrência. Em cada vida, tornamos a repetir tudo o que fizemos na anterior, sofrendo as conseqüências do bom e do mau praticados na vida passada. Isto é um círculo vicioso: repetição de dramas, de cenas, de amores, reencontro com as mesmas pessoas, etc.

Como faremos para sair de tanta repetição?

Conseguimos nos livrar da lei da Recorrência somente através da santificação.

Quem nos obriga a tomar um novo corpo físico?

A este mundo nos mandam os Anjos do Destino. Eles tem anotado em seus livros as nossas boas e más ações.

Se depois de morto o corpo, a alma vai para o céu, como afirmam muitas religiões, por que não ficam lá então?

O céu é um prêmio, uma recompensa pelas nossas boas ações, mas quando a recompensa se esgota, temos de voltar para este mundo.

Será certo que existe inferno?

O inferno com chamas, aquele fosso com carvões em brasa viva e diabos com garfos, é um símbolo que corresponde a uma tremenda realidade. Existe mundos infernais, mundos inferiores, regiões de amargura no interior do planeta Terra. Nesses abismos vivem as almas perdidas.

Se algumas almas vão para o inferno, que poderão fazer para se livrar dessas chamas?

Ensinar a doutrina para tais almas é nosso dever e seria injusto, como já disse em uma pergunta anterior, não levar o ensinamento gnóstico a todas as regiões do mundo.

É verdade que as almas caem em um poço cheio de chamas e não se queimam?

No interior da terra existe fogo e água. As almas fracassadas se identificam com esses elementos da natureza e sofrem, mas o fogo não pode queimá-las, nem a água afogá-las, porque as almas são incorpóreas, sutis. Olhando de outro ângulo este assunto de chamas, quero lhe dizer que tais flamas simbolizam nossas paixões animais.

Quem viu essas almas e se deu conta que ali estavam as almas?

Qualquer pessoa inteligente sabe que no interior da terra existe fogo líquido. Os vulcões assim o indicam. Não se necessita ser sábio para ver as chamas. Qualquer um pode vê-las nas crateras misturadas com lavas e gases inflamáveis.

O que é a região purgatorial?

As religiões falam do purgatório e da região purgatorial. Na realidade, existe zonas moleculares inferiores, submersas, situadas além da quarta dimensão. Em tais zonas, muitas almas que aspiram a luz se purificam eliminando seus pecados.

Será verdade que acreditando em Deus, se pode escapar do inferno?

Muitas pessoas acreditam em Deus e não escapam do inferno. Se alguém quiser escapar da região das trevas, terá de tornar-se santo.

Será verdade que alguém aprendendo de memória os capítulos da Bíblia consegue se livrar do inferno?

No inferno há muita gente que conhece a Bíblia de cor com pontos e vírgulas.

Poderia alguém se salvar apenas acreditando no que está escrito na Bíblia?

A fé sem obras é fé morta. Precisamos de uma fé viva e esta deve se fundamentar nas boas obras. Urge que vivamos de acordo com os ensinamentos de Nosso Senhor Jesus Cristo.

É obrigatória a reencarnação?

Enquanto não atingirmos a perfeição, os Anjos do Destino nos mandarão para este mundo.

A reencarnação favorece a que paguemos por nossas más ações?

Todos os sofrimentos que temos neste mundo são devidos às más ações de nossas vidas passadas.

Sempre regressamos na mesma família?

O Eu continua em sua própria semente. Isso significa que continuamos em nossos descendentes, isto é, regressamos à mesma família.

CAPÍTULO 4 A LEI DO KARMA

Que se pode responder ao profano quando, ao se lhe falar do retorno, ele declara não poder acreditar nele, já que ninguém foi e voltou para contar o que viu?

Os dias vão e vem. Os sóis regressam ao seu ponto de partida depois de milhares de anos. Os anos se repetem e as quatro estações (primavera, verão, outono e inverno) sempre voltam. Portanto, não há necessidade de se acreditar no retorno já que é tão evidente que todos o estão vendo diariamente. Assim também as almas retornam, regressam, a este mundo. Esta lei existe para toda a criatura.

Como podemos demonstrar a existência do retorno?

Podemos evidenciar todos a lei do eterno retorno despertando a consciência. Nós temos sistemas e métodos para o despertar da consciência. A pessoa desperta pode recordar todas suas vidas passadas. Para quem se lembra das vidas anteriores, a lei do retorno é um falso.

Por que há pessoa com preparo que mesmo trabalhando e lutando muito por uma posição não o conseguem, em troca, outras, com menos preparo e esforço, conseguem o êxito desejado?

Tudo depende da lei do Karma. Esta palavra Karma quer dizer ação e conseqüência. Se em vidas passadas agimos bem, triunfamos e somos felizes na presente vida. Porém, se em vidas anteriores praticamos o mal, na atual fracassamos.

Por que há famílias que por mais que se esforcem não conseguem ter amigos de modo algum, enquanto que para outros é tão fácil conquistá-los aonde quer que vão?

Em vidas anteriores tivemos muitos amigos e inimigos e ao voltarmos ou regressarmos a este mundo, tornamos a reencontrar essas amizades ou esses adversários, então tudo se repete como já ocorreu. Mas, também, há gente difícil que não gosta de ter amigos, são os misantropos, gente que se oculta, que se afasta, que se distancia da sociedade, são solitários por natureza e por instinto. Quando tais pessoas voltam a este mundo, costuma ver-se só, ninguém simpatiza com elas. Em troca, há outras pessoas que souberam cumprir com seus deveres para com a sociedade, para com o mundo e até trabalharam por seus semelhantes, em vidas passadas. Logicamente, ao retornarem a este mundo vêem-se rodeadas por aquelas almas que formaram seu ambiente e agora gozam naturalmente de muita simpatia.

A que se deve que algumas donas de casa não encontrem quem lhes ajude fielmente, ainda que tratem bem suas empregadas, enquanto que outras, em troca, não encontram dificuldade alguma neste sentido?

Aquelas donas de casa que não contam com criadagem fiel e sincera foram, em vidas anteriores, déspotas e cruéis com seus criados e agora não encontram quem lhes sirva, pois que não souberam servir no passado. Eis a conseqüência.

Por que há pessoas que desde o nascimento estão a trabalhar sem descanso, como se estivessem a sofrer uma condenação e só param ao morrer; em troca, outras vivem bem e sem tanto trabalho?

Isso se deve à Lei do Karma. As pessoas que trabalham muito e não progridem, em vidas passadas fizeram seus semelhantes trabalharem demais. Exploraram seus súditos impiedosamente e agora sofrem a consequência, trabalhando inutilmente pois não progridem.

Meu filho contraiu um matrimônio que lhe foi sumamente mal. As empresas onde trabalhava faliam. Uma vez pediu um empréstimo bancário para por um negócio e fracassou rotundamente. Tudo o que empreendia fracassava. Teve de divorciar-se da esposa devido aos tantos desgostos que tinham. Depois de algum tempo contraiu novas núpcias e aquele homem a quem só faltou pedir esmola, agora se acha muito bem e seu sucesso aumenta a cada dia. A que se deve isto?

Existe três vínculos matrimoniais:

CÁRMICO
DÁRMICO
CÓSMICO

Os primeiros são de dor, miséria, fome, desgraça, nudez... Os segundos são de êxito, felicidade, amor, progresso econômico ... Os terceiros são para as almas selecionadas, puras e santas. Trazem naturalmente felicidade inesgotável.

Sobre o caso que você me relata devo dizer que ele pertence à primeira ordem de vínculos matrimoniais. Não há dúvidas que seu filho e a esposa dele sofreram bastante pagando as más ações de suas vidas passadas. Naturalmente, já haviam sido marido e mulher antes e agiram mal, não souberam viver juntos e o resultado foi a dor. O segundo matrimônio de seu filho lhe foi benigno do ponto de vista econômico. Podemos catalogá-lo como de boa sorte, dármico. Diríamos que resultou das boas obras de vidas anteriores. Sua segunda esposa também conviveu com ele ates e com ela se comportou melhor, o resultado foi que agora o favoreceu melhorando sua sorte. Isso é tudo.

Meu filho está doente há cinco anos. Gastamos já muito com médicos que não encontram a causa exata de sua enfermidade. Uns dizem que talvez seja um choque nervoso, outros supõem que foi vítima de trabalhos de bruxaria, já que era um rapaz bastante inteligente nos estudos. Qual é a sua opinião?

Ressalta a todas as luzes com inteira claridade meridiana um castigo, um carma mental pelo mau uso de sua mente em vidas anteriores. Se você quer que seu filho cure, lute por curar outros enfermos mentais a fim de modificar a causa que produziu a doença. Lembre-se que somente se mudando a causa se altera o efeito. Infelizmente, os enfermos tem uma acentuada tendência a se encerrar em seu próprio círculo, rara vez na vida se vê o caso de um doente preocupado em curar a outros doentes. Se alguém o fizer, com isso aliviará suas próprias dores. Eu a conselho, já que neste caso preciso, seu filho não poderia se dedicar a cuidar de ninguém, faça-lo você mesma em nome dele. Não se esqueça das obras de caridade. Preocupe-se com a saúde de todos os doentes mentais que encontre no caminho. Faça o bem às toneladas. Tampouco esqueça que no mundo invisível há muitos Mestres que podem ajudá-lo nesse caso específico. Gostaria de me referir especialmente ao glorioso anjo Adonai, o anjo da luz e da alegria. Esse Mestre é muito sábio. Se você se concentrar intensamente, rogando a ele em nome de Cristo para que cure seu filho, estou seguro que de forma alguma se negará a fazer esta obra de caridade, porém não se esqueça **a Deus rogando e com o malho dando**. Faça o bem às toneladas e suplique; este é o caminho .

Tive a oportunidade de presenciar o caso de um matrimônio em Santa Marta, Colômbia. Tinham um grande negócio que de um momento para outro pegou fogo. Depois o marido adoeceu e morreu tuberculoso. Vinte anos mais tarde, encontrei sua esposa que também estava a ponto de morrer tuberculosa. A que se deveria isso?

É bom que você saiba que a tuberculose se deve à falta de religião em vidas anteriores, ao materialismo e a uma vida sem devoção e sem amor a Deus. Se o marido morreu tuberculoso, esta foi a causa. Se perdeu seus bens, foi porque terminou com as propriedades de outras pessoas em sua vida passada. Queimou e lhe queimaram! Danou e lhe danaram! Isso se chama Karma, castigo. A tuberculose não afetou tanto a esposa porque sua falta de religiosidade em vidas anteriores não foi tão extremada. Houve ainda um pouco de espiritualidade.

Tenho um filho muito bom que me entregava tudo o que lhe rendia seu trabalho. Um dia enamorou-se de uma mulher mais velha que ele, amiga minha, e que tivera três filhos com um senhor casado. Não se casaram, mas passaram a viver juntos. Apesar de continuar trabalhando, o dinheiro não lhe rendia de maneira suficiente a ponto de recorrer a mim exigindo uma certa quantidade de dinheiro. Disse que ia empreender um negócio, coisa que nunca o fez e quando terminou a quantia que lhe dei, a mulher o abandonou. Agora vive sozinho, trabalha, mas está completamente arruinado. A que se deve isso?

A uma simples análise ressalta o adultério com todas as suas dolorosas conseqüências: perda de dinheiro, má situação, sofrimentos morais intensos, etc. Eis o resultado do erro.

Gostaria que me informasse se poderia melhorar a sua situação?

Se em um prato da balança cósmica pomos boas ações, no outro as más e este último pesa mais, é claro que a balança se inclinará contra nós e o resultado serão as amarguras. Porém, se pomos boas obras no pratinho do bem, podemos inclinar a balança em nosso favor e assim melhorarmos nossa sorte notavelmente. Se esse seu filho se dedicar a fazer o bem, a sua sorte melhorará.

Tenho um filho de vinte anos que desde os dezoito não quis mais viver no seu lar, passando a morar na casa de amigas minhas. Não quer estudar nem trabalhar. Vem nos visitar por um mês, sente-se feliz por uns dias e depois começa a se aborrecer com todos, terminado por ir-se embora sempre. Gostaria que me dissesse o porquê de tudo isso?

Esse filho só lhe criou problemas. É claro que o resultado da desordem será a dor. Não há dúvida que ele não sabe nem quer aprender a viver, porém tem de ser tratado da melhor maneira possível com amor e paciência. Não há dúvida que no futuro dará fortes tropeços, cujas conseqüências lhe serão amargas. Só então começará a compreender a necessidade de por ordem em sua vida.

CAPÍTULO 5 FANTASMAS

Você já viu alguma vez um fantasma?

Alguns crêem em fantasmas, outros duvidam e também há aqueles que zombam. Eu não preciso acreditar, duvidar nem rir, para mim os fantasmas são um fato.

Você confirma que os viu?

Meu amigo, não será demais relatar um caso deveras interessante. Eu era ainda muito jovem e ela se chamava Ângela. Era uma noiva um tanto singular; hoje já é morta. Certo dia, quando ela ainda estava viva, resolvi me afastar sem me despedir. Dirigi-me às praias do Atlântico e pedi hospedagem na casa de uma senhora idosa; nobre mulher que não me negou sua hospitalidade. Passei a morar em uma sala cuja porta dava diretamente para a rua. Minha cama era um catre de lona estilo tropical e como quer que havia muito mosquito, pernilongo, etc., me protegi com um cortinado fino e transparente.

Uma noite jazia em meu leito dormitando quando de repente alguém bateu três vezes compassadamente na porta. No instante em que me sentei para levantar e sair para abrir a porta, percebi um par de mãos penetrar através do mosquiteiro. As mãos se aproximaram perigosamente e me acariciaram o rosto. Mas a coisa não ficou nisso. Após aquelas mãos apareceu todo um fantasma humano que se assemelhava àquela noiva que francamente não me interessava. Chorava o angustiado fantasma dizendo-me frases como estas: **Ingrato, te afastaste sem te despedir de mim e eu que tanto te queria, que te adorava com todo o meu coração! etc., etc., etc.**

Quis falar, mas foi inútil porque minha língua ficou presa; então mentalmente ordenei ao fantasma para que se retirasse imediatamente. Novos lamentos e novas recriminações. Depois disse: **Me vou**. Se afastou devagarzinho, devagarzinho ... e quando vi que a aparição ia embora, um pensamento novo, uma idéia especial surgiu no meu entendimento. Disse para mim mesmo: este é o momento de saber que coisa é um fantasma, de que está feito e o que tem de real. Obviamente, ao pensar deste jeito, desapareceu de mim todo o temor, a língua se destravou e pude falar. Então ordenei ao fantasma: **Não, não se vá, volta, preciso conversar contigo**. O fantasma respondeu: **Bom, volto, está bem**. Não será demais dizer que a palavra foi acompanhada de ação e voltou o fantasma para mim.

A primeira coisa que fiz foi examinar minhas próprias faculdades para ver se estavam funcionando certo. Não estou bêbado, pensei, não estou hipnotizado nem sou vítima de alguma alucinação. Meus cinco sentidos estão bem, não tenho porque duvidar. Um vez que já verificara o bom funcionamento de meus cinco sentidos, passei a examinar o fantasma.

Dá-me a tua mão, disse à aparição. Ela não me recusou e me estendeu a sua destra. Tomei o braço da singular figura que tinha a minha frente e pude notar uma batida rítmica normal como se tivesse coração. Auscultei-lhe o fígado, o baço e tudo funcionava bem, porém a qualidade daquela matéria mais parecia ser de protoplasma, substância gelatinosa que às vezes se assemelha no tato ao vinil. Executei todo aquele exame à luz de uma lanterna acesa e ele durou uma meia hora aproximadamente. Depois, despedi o fantasma dizendo-lhe: **Já podes te retirar. Já estou satisfeito com o exame**. E o fantasma repetindo as suas múltiplas recriminações se retirou chorando amargamente.

Momentos depois a dona da casa bateu na porte. Ela pensava que eu não havia respeitado sua casa. Veio me dizendo que me alojara somente a mim e estrava que estivesse admitindo mulheres no quarto.

Minha senhora, você me engana, foi minha resposta. Não trouxe mulher alguma aqui. Fui visitado por um fantasma e foi tudo. Naturalmente, contei-lhe o que acontecera. A dama terminou se convencendo e estremeceu quando percebeu o frio espantoso que havia no quarto, apesar do clima quente; isso lhe pareceu definitivo para confirmar a veracidade do meu relato.

Anotei o dia e a hora da ocorrência e mais tarde, quando me encontrei outra vez com aquela noiva, contei a ela tudo que acontecera. Ela se limitou a dizer que naquela noite e àquela hora dormia e sonhava que estava em algum lugar da costa atlântica e que conversava comigo em um quarto parecido com uma sala. Então conclui para mim mesmo: ela se deitara pensando em mim e seu fantasma me visitara.

O mais curioso foi que vários meses após aquela garota morreu e estando uma noite descansando em meu leito o fenômeno se repetiu. Porém, desta vez, o fantasma resolveu deitar-se junto a mim, cheio de ternura e carinho. Como quer que a coisa estava se tornando ruim, não me restou outro remédio a não ser mandar severamente que se retirasse para sempre e que nunca mais me incomodasse. O fantasma assim o fez e nunca mais voltou.

Muito interessante o seu relato. Gostaria de nos contar outro caso parecido?

Com muito prazer, meu amigo. Certa ocasião, chegou à cidade uma jovem e pobre mulher. Estava em péssima situação econômica, porém era uma mulher honrada. Ela me solicitou trabalho e não encontrei inconveniente em admiti-la como empregada doméstica. Ela era bastante habilidosa, mas infelizmente poucos dias depois de começar a trabalhar uma série de fenômenos psíquicos extraordinários se apresentaram, os quais vieram a perturbar não só meus familiares com também as pessoas da vizinhança. Na presença dela, os pratos voavam e estatelavam-se contra o piso fazendo-se em pedaços. As mesas e as cadeiras dançavam sozinhas e caíam pedras dentro da casa. Não era nada agradável para nós o fato de, nos precisos instantes de estarmos comendo, caírem pedras e terra em nossos pratos.

A jovem tinha em sua mão direita um misterioso anel com uma inscrição: **Lembrança de teu amigo Luzbel.** O mais interessante de tudo era que, ainda que estivesse em desgraça, falando economicamente, jamais deixava de receber desse seu amigo algumas moedas que usava para comer. Essas moedas vinham pelo ar e ela as recolhia simplesmente do espaço.

A garota explicava que seu amigo lhe disser que vivia no mar e que queria levá-la ao fundo do oceano. Inúmeras vezes fizemos conjurações a fim de afastar o invisível camarada, porém ele sempre retornava e com força redobrada, recomeçando às suas andanças. As pessoas não deixavam de se alarmar, naturalmente.

Alguns jovens se apaixonaram por ela, mas quando tentavam se aproximar chovia pedras sobre eles e apavorados fugiam.

Mais tarde, aquela garota se afastou e não foi mais vista pela cidade. Que aconteceu? Não sabemos. O que pudemos comprovar foi quem era seu amigo Luzbel: simplesmente um

elemental do oceano. Não há dúvida que ela também tinha muito de natureza elemental. Era o que nos transmitia seu olhar, seu corpo, sua forma de ser, etc.

CAPÍTULO 6 ACONTECIMENTOS HUMANOS

Vou relatar um caso que me aconteceu há alguns anos. Nos mudávamos da casa em que tínhamos vivido durante onze anos e onde nós déramos muito mal. Como havia ficado ainda alguma coisa lá, poucos dias depois eu e minha tia voltamos para buscar. Ao entrarmos, imediatamente nos chegou um cheiro de cadáver em decomposição. Como deixáramos a casa totalmente limpa, por curiosidade, subi ao piso superior para fazer uma vistoria. Entrei em um dos quartos e vi no lugar onde estivera uma das camas uma funda cova, como se nela fossem enterrar um ataúde. Dei um grito e minha tia ao ouvi-lo subiu imediatamente. Ao ver-me tão espantada, levou-me depressa dali e voltamos para a casa onde agora residíamos.

Desde então comecei a perder o apetite. Cada vez comia menos até que chegou o momento em que não podia engolir alimento algum. Em dois meses emagreci vinte quilos. Tiveram de me internar num sanatório e vários especialistas estudaram meu caso, contudo nenhum deles pode descobrir o que eu tinha e estava a morrer com um dor de estômago que não me abandonava um minuto. Comida, medicamentos, nada passava; tudo tinha de ser injetado.

Oito dias depois de ter sido internada entrei em estado de coma. Os médicos desanimaram na tentativa de me curar e prognosticaram câncer, de fato meu corpo exalava um fedor de corpo canceroso. Tentaram me operar, mas meus familiares o impediram.

O estranho era que eu sempre via junto a mim um médico de bata branca, desconhecido para mim e para meus familiares. Esse galeno, invisível para todos menos para mim, não tinha existência no mundo físico. Ele, no entanto, me reanimou e prometeu me curar. E cumpriu sua palavra, pois curei-me milagrosamente. Quando os doutores me operaram com o propósito de descobrir a causa causorum da enfermidade, com assombro descobriram que estava completamente sã. O suposto câncer não existia.

Isso sempre foi um enigma para mim. Poderia me dizer o que aconteceu? Qual foi a razão daquela enfermidade?

Com o maior prazer responderei a sua pergunta. Permita que lhe diga, senhorita, que em sua passada existência, vivida precisamente aqui na cidade do México, você cometeu um ato de magia negra contra uma pessoa causando-lhe a morte. O resultado foi a sua misteriosa doença. Se se curou, se não morreu, foi devido às boas ações que você praticou e que permitiram a diminuição do seu Karma. Certamente foi assistida por um médico invisível a quem você deve ficar imensamente agradecida.

Meu pai teve três filhos em seu primeiro matrimônio, incluindo a mim. Quando meu irmão maior contava um ano, tiraram-no de minha mãe. Depois, quando eu tinha cinco anos, minha mãe me entregou ao meu pai, que vivia com sua mãe e meu irmão maior.

Durante toda a infância nunca tive o carinho deles, pois como minha avó me odiava muito, eles para não contrariá-la não se importavam comigo. De minha mãe, nunca soube se vivia até fazer quinze anos. Ela sim me deu carinho até que morreu faz uns dez anos.

Gostaria que você me dissesse por que não consegui obter a felicidade e o amor de um homem e a que se devia o ódio tão grande de minha avó?

Dê um giro na medalha de seu relato e terá você a resposta. É óbvio que todos esses acontecimentos de sua vida são uma repetição da existência anterior, quando você foi o algoz ao invés de ser a vítima. Aqueles que hoje lhe proporcionaram tantas dores foram suas vítimas no passado; isso é tudo. Recorde que a lei do Karma é o fiel balanço de todas nossas ações. Não pode haver efeito sem causa nem causa sem efeito. Você recolheu as conseqüências de seus próprios atos. Se você se lembrasse de suas existências passadas, verificaria a realidade de tudo o que eu disse.

Poderia você explicar-me por que não encontro um amor na vida apesar de desejá-lo tanto?

Recolhemos o que semeamos, afirmamos isso baseados na lei de ação e conseqüência. Portanto, concluímos que você semeou tempestades e está colhendo raios.

Gostaria que você nos contasse algum caso concreto de enfermidade causada por más ações em vidas anteriores! Pode ser?

Com o maior prazer. Em minha reencarnação passada conheci o caso de um bandido que foi fuzilado. Isso se deu em uma estrada. O bandoleiro era conhecido pelo apelido de **Golondrino**. Um dia caiu nas mãos da justiça, foi atado a uma árvore e se lhe aplicou a pena máxima.

Algum tempo depois, aquele homem renasceu em corpo feminino. Um certo dia, seus parentes solicitaram-me ajuda. Aquela distinta senhorita, em cujo corpo estava encarnada a alma do **Golondrino**, lançava espuma pela boca, retorcia-se horivelmente e gritava cheia de espanto frases como estas: **A polícia vem vindo. Dizem que sou um ladrão, um salteador de estradas. Ataram-me nesta árvore e vão me fuzilar**. Estas últimas palavras eram sempre acompanhadas de gestos e de esforços, como se quisesse desatar invisíveis laços, estranhas cordas.

Nossas investigações permitiram conhecer este caso concretamente. Tratava-se de uma repetição mental do episódio final da vida anterior dessa alma, agora encarnada no corpo daquela mulher.

Os psiquiatras fracassaram rotundamente e não conseguiram curá-la. Nós apelamos para certas conjurações mágicas e o resultado foi assombroso, a enferma curou-se radicalmente. Não há dúvida que fomos assistidos pelo poder divino do Espírito Santo.

Vivíamos em uma casa com o número treze na porta e éramos treze na família. Durante onze anos nessa casa não houve mais do que enfermidades e miséria. Você poderia nos explicar a razão disso?

Com o maior prazer responderei sua pergunta, distinta senhorita. Lembre-se da viagem espacial Apolo 13. Foi um completo fracasso. Atrasou o plano de conquista do espaço dos Estados Unidos e seus três tripulantes estiveram a ponto de perecer. Vem-me a memória nestes instantes a lembrança de uma noite de ano novo. Éramos treze pessoas reunidas ao redor de uma mesa. Então, em pleno banquete, disse aos convidados: **Um de nós, aqui reunidos, morrerá muito em breve**. Esta profecia cumpriu-se quando alguns meses após um dos convidados faleceu.

Não se espante quanto ao fatídico treze. Este número é morte, fatalidade, dor, porém também traz situações novas, já que a morte e a vida estão intimamente ligadas. Quanto a vocês, é claro que estavam pagando um Karma espantoso. Isso é tudo.

Quando estive a ponto de alcançar a felicidade ela me escapou da mão. Ainda que sempre digam que me amam, afastam-se de mim para se casarem com outra. Poderia me explicar por que sempre fracasso no amor?

Com o máximo prazer responderei a sua pergunta, distinta senhorita. É claro que seu problema não poderia ser devidamente compreendido se ignorássemos a lei do eterno retorno. Todos os casos são uma repetição incessante das diversas vidas que tivemos. Todos ser humano no passado contraiu diversos matrimônios, estabeleceu relacionamento sexual com outras pessoas, etc. O resultado de semelhantes associações conjugais pode ser bom, mau ou indiferente. Se nos portamos mal com determinado cônjuge, em uma nova vida estabelece-se o reencontro com suas conseqüências: fracassos matrimoniais, frustração das bodas, ruptura das relações amorosas, etc. O mais grave de tudo é a separação legal, causada por tal ou qual motivo, sobretudo quando há amor.

CAPÍTULO 7 INTERESSANTES RELATOS

Uma noite do mês de abril de 1968, estando profundamente adormecido, escutei gritos e ruídos, como de gente que quebrava vidros e brigava na rua. Temendo que quebrassem algum vidro do meu automóvel, o qual ficara estacionado à calçada, levantei-me. Peguei os chinelos e as calças e me fui pelo corredor. Atravessei a casa e olhei pela janela da frente. Levantando a cortina percebi surpreso não haver gente nem ruídos. Ao contrário, havia paz e tranquilidade, iluminação normal na rua e meu carro em perfeito estado.

Pensando que tudo tinha sido produto de uma ilusão ou pesadelo, voltei pelo corredor em direção ao quarto. Abri a porta e entrei, dando uns quantos passos. Fiquei estarecido ao ver a mim mesmo na cama profundamente adormecido junto a minha esposa. Os braços estavam fora das cobertas, a perna esquerda destapada e a cara recostada no lado esquerdo.

Ao ver a cena senti um terrível pavor e uma forte atração vinda do meu corpo, como se ele tivesse um imã. Despertei sobressaltado com o coração batendo forte e com um suor frio pelo corpo. Poderia me dizer o que aconteceu realmente?

Neste caso concreto, houve o que se chama desdobramento; sua alma estava ausente do corpo físico. Toda alma sai do corpo durante o sono comum e normal e anda por aí. Ela vai a diferentes lugares e depois regressa ao corpo físico no exato momento do despertar. O estado de vigília se manifesta precisamente quando a alma entra de novo em seu corpo de carne e osso.

O interessante do seu caso foi que sua alma ao voltar ao quarto pode ver ser corpo físico adormecido na cama. Você o viu da mesma forma como pode ver uma mesa ou um automóvel que dirige diariamente. Assim como o motorista se mete no automóvel para dirigi-lo também você, isto é, sua alma entra no corpo. É quando a gente desperta e vem o estado de vigília. Foi isso o que aconteceu.

Em 1958, ao voltar de uma função cinematográfica, uma novidade estava me esperando. Em casa toda a família estava preocupadíssima com o desaparecimento de uma tia que havia saído cedo de casa, deixando seus filhos sozinhos. Eram quatro filhos, de três a seis anos, os quais estavam chorando de medo e de fome. Os familiares já tinham ido a vários lugares a fim de encontrá-la e tudo fora inútil. Então combinaram sair e procurar por ela, perguntando por toda a parte; a mim coube ficar em casa.

Perto das três da manhã despertei sobressaltado. A peça estava completamente escura, mas de repente uma figura ovalada começou a brilhar no meio do quarto. dirigiu-se a minha cama, chegou até a beirada e levantou a tela do mosquito. Senti um corpo se sentar na beira da cama e apareceu totalmente a figura de minha tia a que andavam buscando. Em voz alta ela me disse o seguinte: Filhinho, não te assusta! Sou eu, tua tia. Venho te avisar que estou morta. Quero que lhes diga onde podem achar o meu cadáver. Localiza o teu tio e diz para ele me procurar na Delegacia X. Pede ainda para que cuidem de meus filhos e rezem também.

Levantou-se, baixou o cortinado e sumiu. No dia seguinte repeti o que me dissera. Ninguém acreditou. Somente se convenceram quando a encontraram no lugar assinalado. Seu cadáver estava disforme; morrera em um banho de vapor.

Como é possível que uma pessoa depois de ter morrido dê dados para a localização de seu cadáver e peça por seu filhos?

Depois da morte do corpo físico a alma passa a viver nas dimensões superiores da natureza e do cosmos. Isto já o dissemos em um capítulo anterior, porém tornamos a repetir. É claro que essa alma precisava te informar a respeito de sua morte. Era preciso que desse esse informe; tinha filhos e devia cumprir com seu dever. Neste caso, não há dúvida que essa alma foi ajudada por leis superiores e se lhe permitiu entrar neste mundo de três dimensões para dar uma informação precisa: onde estava o seu cadáver. O que foi devidamente comprovado, já que o seu corpo foi encontrado exatamente no lugar onde dissera estar, em uma Delegacia de Polícia. Fatos são fatos e temos de nos render diante deles.

Estando em uma reunião gnóstica, uma pessoa aproximou-se de mim para fazer um pedido pela saúde de sua mãe, que não estava em seu perfeito juízo. Prometi fazer todo o possível para curá-la.

Pedi ao anjo Adonai para que me ajudasse e me imaginei na casa da senhora, uma simpática anciã a quem eu encontrava reclinada em seu leito e que ao ver-me sorria alegremente e se sentava. Pondo a minha mão direita na sua testa e a minha esquerda no meu coração, me concentrei fortemente no Mestre Jesus para que me ajudasse. Vi como ela se restabelecia e sorrindo me acompanhava até a porta da casa.

Na reunião seguinte, a pessoa que me havia solicitado ajuda, quase com lágrimas nos olhos, veio me agradecer, dizendo que sua mãe se restabelecera e que me mandava lembranças porque tinha me visto. Como é possível, que duas pessoas, unicamente pela fé, tenham conseguido uma cura quase milagrosa?

Meu amigo, a fé realiza milagres. O Divino Mestre Jesus disse: Tende fé do tamanho de um grão de mostarda e moveis montanhas. Você ao se imaginar de forma vívida junto ao leito da enferma conseguiu se desdobrar. Sua alma viajou até a enferma e com a ajuda do Divino Mestre sanou o paciente. Não estranhe portanto que o tenham visto. Quando a alma se desdobra, muitas vezes faz-se visível, ainda que as remotas distâncias. Não ouviu falar de santos que fizeram o mesmo? Que durante a oração, em estado de êxtase, foram vistos em outros lugares a curar enfermos?

Em uma outra reunião de cura, chegou uma senhora de uns 60 anos aproximadamente. Ela portava uma ferida de faca muito funda nos braços e a mostrou a todos os assistentes. Posteriormente, o Mestre fez conjurações e nós repetimos as palavras que ele pronunciava. Depois fez com que ela se sentasse. Na reunião seguinte, ela nos mostrou os braços de novo e vimos que já estava quase curada. Tornamos a repetir a conjurações. Na terceira reunião, mostrou-nos mais uma vez os braços e vimos com surpresa que nem cicatriz havia, onde antes verdadeiras talhadas de carne se apresentavam. O que ocorreu para que aquela pessoa se curasse tão rápida e perfeitamente?

Ah! Percebo que você está falando das reuniões gnósticas. De fato, são muito interessantes essas assembléias. Lembre-se que os primitivos cristãos foram gnósticos e que realizavam curas maravilhosas. Não estranhe pois que nessas reuniões, sob a direção do Mestre que instrui a congregação, se haja realizado um milagre semelhante. Os gnósticos invocam os

seres divinos que vivem no mundo invisível para que realizem este tipo de curas. Isto foi o que realmente aconteceu e o paciente curou-se radicalmente.

No ano de 1962, aproximadamente pelo mês de novembro, eu apenas começava a frequentar as conferências gnósticas, compareceu um senhor que refletia preocupação em seu semblante e que tinha um olhar vago e misterioso. Pediu para que lhe tirassem algumas entidades tenebrosas do corpo, as quais o estavam prejudicando e já haviam produzido um inchume nas suas pernas. Em seguida, mostrou a todos como elas estavam.

O Mestre acedeu e pronunciou a Conjuração dos Sete. Deu uns passes magnéticos e o indivíduo começou a se retorcer, a dar gritos, uivos e a lamentar-se como se sentisse uma dor imensa. Ao mesmo tempo, fazia gestos e movimentos como se algo saísse dele. Logo depois, um cheiro forte e nauseabundo se espalhou pelo ambiente. Houve então uma pausa em que parecia ter descansado. O Mestre deu três palmadas no homem que voltou a si e que declarou não se lembra de nada. Em três sessões tinha as pernas recuperadas e não se queixava mais das entidades. Você poderia nos explicar o que aconteceu? Como foi possível a sua cura?

Esses são os casos de possessos de que nos fala o Evangelho cristão. Jesus punha as mãos sobre os possessos e mandava os demônios saírem daqueles corpos. E eles obedeciam naturalmente. Os apóstolos também receberam este poder. Jesus lhes conferiu autoridade e puderam exorcizar os demônios a fim de expulsá-los dos corpos enfermos. Portanto, o caso que nos conta não é o único. As enfermidades são causadas precisamente pelas entidades tenebrosas que se metem dentro do corpo do enfermo. Muitas tribos indígenas das Américas conhecem estes mistérios. Sei de muitos sacerdotes indígenas que, antes de curar seus pacientes, os exorcizam com o sadio propósito de eliminar as entidades tenebrosas causadoras da doença. Se nossos médicos seguissem o exemplo desses curandeiros indígenas, realizariam maravilhas nos campos de ação da medicina. O caso concreto que nos narrou é apenas normal. Exorcizou-se o enfermo e ele sanou, isso é tudo. Não se esqueça da arruda e da sálvia! São plantas maravilhosas que podem ser usadas como defumação nos exorcismos.

CAPÍTULO 8 O DESDOBRAMENTO

Que é o desdobramento?

Você ignora realmente o que é o desdobramento? Percebo que sua pergunta é sincera!

O desdobramento é sumamente simples. Trata-se de um fenômeno natural como comer, beber, etc. Quando o corpo físico adormece, a alma sai dele e viaja por todas as partes. Ao regressar, ao entrar novamente no seu corpo, muitas vezes a alma se lembra dos lugares por onde andou, das pessoas com quem falou, etc. As pessoas costumam chamar isso de sonhos, mas na realidade é desdobramento.

Isso pode ser feito à vontade ou apenas durante o sono?

De qualquer forma se precisa do sono para que haja desdobramento, seja voluntário ou não.

O desdobramento é perigoso?

Parece-me que se tornar consciente dos próprios fenômenos naturais nunca poderia ser perigoso. Cada um deve estar consciente dos alimentos que come, do que bebe, do estado de saúde em que se encontra e também do processo de desdobramento, o qual ocorre em toda criatura viva.

Explique-me a técnica para que eu possa me desdobrar. Gostaria de ir até Paris.

Tudo aquilo que você faz de forma involuntária e inconsciente, deve aprender a fazer voluntária e conscientemente. Você sempre se desdobrou. Repito, no momento que se está dormindo, a alma sai do corpo, mas infelizmente inconsciente. Continue se desdobrando, porém o faça-o agora de uma maneira voluntária e consciente.

Quando você sentir aquela lassidão própria do sono, quando comece a adormecer, imagine-se ser um fantasma sutil e vaporoso. Compreenda que você é uma alma, que você não é o corpo e que vai sair dele. Sinta-se uma alma, levante-se do leito suavemente, delicadamente, como se levantam as almas. O que estou a dizer deve ser traduzido em atos concretos. Não se trata de pensar e sim de agir. Ao se levantar, dê um saltinho em seu próprio quarto com a intenção decidida de flutuar no espaço. Se você flutuar é porque já está fora do corpo físico e poderá sair do seu quarto e flutuar lá fora. Poderá ir a Paris ou a Londres, ao lugar que quiser. Se não flutuar, é porque se levantou da cama em corpo físico. Então volte ao leito e repita o experimento.

Ao se flutuar, o corpo físico fica na cama?

Quero que você entenda. Se você flutua no meio ambiente que o circunda é porque está fora do corpo físico. Neste caso concreto, você deve compreender que o corpo físico ficou deitado na cama, que você está fora dele e longe da cama.

Quando alguém se sentir flutuando, deverá pensar que viaja a algum lugar determinado?

Distinta dama, quero que você compreenda. Não se trata de pensar e sim de agir. Um coisa é diferente da outra. Por exemplo, estou vendo-a sentada nessa cadeira. Se você pensar que

via se levantar dessa cadeira e vai à rua e não age, é claro que permanecerá sentada aí. Precisamos de ação, entendeu?

Isso é o que me agrada na Gnose, que me explicam claramente tudo o que não entendi.

De fato, nós gostamos da exatidão em tudo, gostamos da precisão.

Poderia nos contar o caso concreto de um desdobramento voluntário?

Com o maior prazer, distinta senhorita. Vou contar um caso pessoal; como se verificou o meu primeiro desdobramento. Eu era ainda muito jovem quando resolvi me desdobrar à vontade. Recordo claramente que pus bastante atenção no processo do sono. Quando senti que estava quase dormindo, nesse estado de transição que existe entre a vigília e o sono, atuei inteligentemente. Não me pus a pensar que ia me desdobrar porque obviamente se houvesse ficado pensando, não teria realizado o experimento almejado. Repito que agi. Levantei-me com grande suavidade do leito e ao fazê-lo produziu-se uma separação muito natural entre a alma e o corpo. A alma ficou fora e o corpo na cama dormindo.

Sai da minha casa para a rua de maneira espontânea e clara, pondo-me a caminhar por uma rua deserta. Detive-me na esquina seguinte da rua e refleti por uns instantes sobre o lugar aonde deveria me dirigir. Resolvi ir à Europa. Tive de viajar por cima das águas do Atlântico, flutuando maravilhosamente no espaço luminoso. Senti-me cheio de uma alegria não concebível para os seres humanos. Por fim atingi a cidade de Paris.

Caminhando, ou melhor dizendo, flutuando na atmosfera luminosa, senti instintivamente a necessidade de entrar em uma casa. Não me arrependo de ter entrado em certa mansão. O curioso do caso foi o encontro com um Iniciado que tinha conhecido em reencarnações anteriores.

Ele também estava fora do corpo. Nitidamente pude evidenciar que seu corpo jazia dormindo no leito. Junto a ele vislumbrei uma mulher e dois meninos. Percebi que se tratava de sua esposa e de seus dois filhos. Saudei carinhosamente o meu amigo e a alma de sua esposa, a qual também estava fora do corpo. Não será demais acrescentar que como aqueles meninos dormiam, as suas almas também estavam fora do corpo. Aquelas almas infantis assustaram-se com a minha inusitada presença. Compreendi a necessidade de me retirar para evitar que tais almas regressassem ao seus respectivos corpos. Se isso tivesse acontecido, os meninos teriam chorado e o pranto haveria de despertar meu amigo e sua esposa, então o diálogo seria interrompido, já que tanto a alma do meu amigo como a de sua esposa seriam obrigados a voltar para os seus respectivos corpos de carne e osso.

Compreendi tudo isto em milésimos de segundo e para evitar precisamente este problema, propus ao meu amigo que abandonasse a casa e saísse comigo para dar uma volta pelas ruas de Paris. Grande foi a minha alegria quando aceitou.

Fomo-nos juntos pelas avenidas daquela grande cidade. Aconselhei-o a voltar ao caminho, entrando na senda da luz. Por último, propus a ele uma visita a um templo maravilhoso que existe na Alemanha. Ele recusou o convite alegando que não podia ir porque devia concentrar sua atenção nos problemas da vida prática, visto que tinha mulher e filhos. Despedi-me daquele Iniciado e, suspendendo-me na atmosfera, passei por cima de uns

muros altos e me fui por um caminho que serpenteava, uma estrada cheia de curvas, até que cheguei a um templo maravilhoso.

Diante do Santuário vi muitas almas das mais diversas nacionalidades, pessoas que durante as horas de sono escapavam de seus corpos densos para irem ter naquele Santuário. Aquelas pessoas, reunidas em vários grupos, estavam conversando. Falavam do cosmos, das leis da reencarnação e do karma, dos mistérios da vida e da morte, etc. Procurei entre tais grupos um certo amigo muito hábil no desdobramento e não o achei. Então, me aproximei do umbral do templo e vi um jardim magnífico com flores deslumbrantes que exalavam um perfume embriagador. No fundo, destacava-se a silhueta de um esplêndido templo iluminado pelo esplendor das estrelas. Quis entrar, mas o guardião interveio e disse: **Este é o templo da sabedoria! Retira-te! Ainda não é tempo!**

Obedecendo a ordem, retirei-me a uma certa distância, sem me afastar demasiado do umbral. Foi quando comecei a me observar. Olhei as minhas mãos e meus pés espirituais e até me permiti ao luxo de compará-los com as mãos e os pés do corpo de carne e osso que deixara dormindo no leito, lá na América Latina, na terra sagrada dos astecas. Evidentemente, todas aquelas comparações deram como resultado o regresso instantâneo ao veículo físico que, profundamente adormecido, roncava na cama. Despertei sobressaltado exclamando: **Estive no templo da sabedoria! Que felicidade! Que alegria!** Até hoje não consegui esquecer aquela luz tão branca, tão imaculada, que brilhava naquele Santuário. Essa luz não se parecia a de qualquer lâmpada física; saía de todas as partes e não fazia sombra de espécie alguma.

Pode alguém viajar a qualquer lugar mesmo que não o conheça?

Eu fui a esse templo divino e não o conhecia. Fui levado, podemos dizer, por um sentido telepático superior. Poderia dizer-lhe que me guiou meu próprio espírito.

Quando há o desdobramento voluntário, nos lembramos aonde fomos ao despertar?

É claro que se não há recordação não houve desdobramento voluntário. A mim parece-me impossível que uma pessoa se desdobre voluntariamente, que saia do seu corpo intencionalmente, conscientemente, e não seja capaz de se lembrar do que viu fora do corpo. Por exemplo, quando você sai de sua casa para o trabalho e depois volta do escritório para casa, se lembra do que viu no escritório? se lembra do trabalho que executou? das ordens de seu chefe?

Sim, eu me lembro de tudo o que fiz no escritório quando volto para casa.

Pois é o mesmo caso, senhorita. Tenha em mente que seu corpo físico é uma casa de carne e osso. Se você sai voluntariamente de tal casa, verá muitas coisas. Se você retorna voluntariamente, é lógico que se lembrará também de tudo que viu e ouviu.

CAPÍTULO 9 FENÔMENOS MÍSTICOS

Certa ocasião em que realizava um exercício de meditação no campo, senti que saía do corpo enquanto me estremecia todo. De repente senti que voava à grande velocidade, chegando em um par de segundos ao Egito. Desci perto da esfinge e percebi o calor da areia na planta dos pés. Pude tocar as enormes e carcomidas pedras do gigantesco monumento. Foi uma grande surpresa para mim ver tão nítido panorama e tão vívida percepção do céu. Uma tênue brisa que vinha do rio Nilo movia umas altas e delgadas palmeiras. Depois de um breve descanso, uma espécie de atração fez com que me elevasse do solo e fui flutuar aproximadamente na altura do nariz da esfinge, onde havia uma pequena cavidade pela qual entrei. Uma estreita e semi-iluminada escada que descia conduziu-me até a porta de uma câmara. Lá estava um guardião vestido com um mandil, sandálias douradas e uma touca na cabeça. Na touca havia um diadema dourado que representava uma cobra na atitude de picar. Ele tinha uma lança na mão direita com a qual impedia minha passagem. Seus olhos eram de um azul esverdeado muito penetrantes e sua pele era morena.

Não pronunciou uma palavra, apenas me examinou e me fez uma saudação de passe a qual respondi. Sorri e recolhendo a lança permitiu que eu passasse com uma amável reverência. Penetrei numa câmara ampla onde se ouvia os cantos leves de um coro que recitava orações na forma de cantos deliciosos. Havia no ambiente fumaça de incenso de cor rosada, o qual cheirava a extrato de rosas vermelhas e fazia vibrar meu corpo dos pés à cabeça. Havia também muitos símbolos egípcios nas paredes que apesar de não entender me eram familiares. Depois de ver a rica decoração daquela câmara, que indubitavelmente deve pertencer a um templo deveras especial, escutei um gongo e apareceram três Mestres. Seus rostos eram veneráveis e aprazíveis, porém de olhares penetrantes. Dois deles estavam vestidos de amarelo e o outro com uma túnica branquíssima. Depois de me saudarem deram as boas-vindas com um abraço fraternal.

Em seguida, oficiaram uma missa em um altar que havia entre duas colunas enormes. Um grande escaravelho de ouro resplandecia entre o fumo do incenso. Uma piazinha com água cristalina que não havia notado antes foi iluminada. Aproximaram-me dela e comecei a ver o meu rosto horrivelmente negro e barbudo como um orangotango. Posteriormente, vi muitas passagens da minha vida, onde cometera todo tipo de pecado. Terminei gemendo e chorando. A seguir me admoestaram, dando-me conselhos de uma forma simbólica.

Entregaram-me um escaravelho de ouro maciço, puseram-no na minha mão direita, fecharam-na e pronunciaram algumas palavras que não entendi. Disseram-me que o conservasse e me fizesse merecedor de tê-lo sempre ao meu lado. Abençoaram-me e regressei ao meu corpo, despertando instantaneamente muito impressionado. Até hoje não me esqueci de nenhum detalhe. Poderia me dizer o que aconteceu e que significado tem tudo isso para mim?

Com muito prazer responderei a sua pergunta. A todas as luzes ressalta com inteira claridade meridiana tratar-se de um caso de desdobramento. Você adormeceu enquanto meditava e orava, então sua alma saiu do corpo e foi dar no Egito, a terra sagrada dos faraós. Quero que você compreenda que entrou espiritualmente no misterioso templo da esfinge. Alegra-me muito que haja descoberto uma porta secreta no nariz da esfinge. Obviamente, não se trata de uma porta física, mas de uma porta invisível para os sentidos físicos, contudo perfeitamente visível para a inteligência e para o coração. É ostensível que o templo da esfinge também não se encontra neste mundo denso. Trata-se de um templo

invisível para os olhos da carne, mas totalmente perceptível para os olhos do espírito. O que lhe aconteceu foi algo parecido à experiência de São Paulo, o qual como se sabe foi levado aos céus onde viu e ouviu coisas que aos homens não lhes é dado compreender.

Não há dúvida que você em uma existência passada foi iniciado nos mistérios egípcios e devido a isso foi chamado ao templo. Chamada essa que foi feita quando você estava meditando e foi dar precisamente lá. Assistiu espiritualmente a um ritual egípcio, viu e ouviu os sacerdotes do templo, escutou sublimes cânticos e viu na água o seu Eu Psicológico e todos os delitos que cometeu. Não há dúvidas que viu a si próprio bastante feio. Acontece que nossos pecados nos tornam assim: horríveis.

Entregaram-lhe um escaravelho sagrado, de puro ouro, símbolo maravilhoso da alma santificada; isso é tudo. Espero cavalheiro que haja compreendido o indispensável: que se resolva a seguir o caminho da santidade e que se arrependa de todos seus erros.

Em outra ocasião em que fazia exercícios de meditação em pleno bosque, nas cercanias do povoado de Cuernavaca, México, junto com um amigo espiritual de muita sabedoria, o qual estimo como a um pai, tive a seguinte experiência:

Sentamo-nos na posição ioga conhecida como da Flor de Lótus e fizemos uma prática respiratória. A seguir ficamos em silêncio e entramos em meditação. Quase que imediatamente me senti transportado às cordilheiras dos montes Himalaias, mais precisamente ao Tibete. No lugar fazia um frio tremendo e se escutava o agudo uivar dos ventos. Vi alguns soldados chineses armados a rondar por aqueles inóspitos lugares. Atingi uma planície um tanto nublada onde se descortinou pouco a pouco uma majestosa construção amuralhada, a qual tinha um enorme portão de madeira preso com cravos de ferro forjados há séculos. Naquela oportunidade, a entrada estava guardada por soldados tibetanos que ao me aproximar gritaram o comando **alto**. Mandaram que esperasse um momento enquanto consultavam se podia passar ou não.

Instantes depois receberam a resposta e se ouviu o ranger das dobradiças do enorme portão. Disseram-me para passar. À primeira vista, pareceu-me uma cidade celestial e ao mesmo tempo espetacular. A brancura do mármore, os lindos jardins com flores de uma beleza indescritível e os arbustos de tonalidade verde e amarelo, nunca vistos na terra, resplandeciam. Caminhei por amplas armações que tinham corrimões com colunas torneadas na forma de belas figuras de mármore e que me conduziram a uma pracinha. Nela se via uma pequena fonte de água vaporosa e cristalina. No meio havia um formoso menino que vertia de um cântaro água que nunca se acabava. Voltei-me para a direita dirigindo-me ao portal de um edifício espichado horizontalmente no qual se percebia sete colunas de mármore belamente decoradas. Estava observando o passeio quando começaram a se fazer ouvir coros angelicais que trouxeram consigo uma figura que desprendia luminosidade e respeito. Era nada menos do que o Mestre Jesus Cristo. Ao vê-lo, senti desfalecer. Ele olhou-me fixamente e em seu rosto esboçou-se um sorriso de fraternidade e amor. Ato seguinte, aproximou-se de mim, pôs sua mão direita em minha testa e me disse: Ide e ensinaí a todas as nações que eu estarei convosco.

Depois, andamos por outros passeios. Encontramos outros grandes Mestres, entre eles reconheci o Mestre Samael Aun Weor a quem chamou em voz alta e lhe recomendou para que vigiasse e instrísse a minha humilde pessoa. Chamou outros Mestres e alguns alunos que se encontravam próximos e nos abençoou com orações e mantras especiais.

Pessoalmente nos despediu, ao Mestre Samael e a mim. E vi como se fechava o portão e como desaparecia da visão o magnífico recinto.

Ao regressar ao meu corpo, abri os olhos e vi que meu amigo ainda não despertara, porém demorou um minuto, despertou e comentamos as experiências vividas. Como é que um estudante gnóstico, sem mérito algum, tenha tido uma experiência tão maravilhosa e que lhe hajam confiado essa delicada missão?

Com muito prazer responderei a sua pergunta. Já vê você o que é a meditação e a oração. Se uma pessoa de boa vontade se entrega à oração e à meditação, pode ter sorte de atingir o êxtase. A alma sai do corpo, como já explicamos antes, e viaja aos mais remotos lugares da terra ou do infinito.

No seu caso concreto, você foi parar no Tibete e entrou em um templo secreto, onde pode ver os Mestres da humanidade e a Nosso Senhor o Cristo. Não esqueça que a alma em oração, em êxtase, pode chegar a ver o próprio Cristo. Você teve essa felicidade e não há dúvida que o Senhor recomendou que ensinasse a doutrina da Gnose a todos os seus semelhantes.

Obviamente, devo transmitir-lhe tais ensinamentos, por isso viu e ouviu o Senhor se preocupar para que eu o instruisse.

CAPÍTULO 10 EXPERIÊNCIAS MÍSTICAS DE UM NEÓFITO

Em uma prática de saída em astral, uma noite do ano de 1966, consegui sair conscientemente de meu corpo. Senti uma liberdade muito especial, já que meu ser sentia uma alegria indescritível. Voei, voei como um pássaro até outro planeta, para mim desconhecido, mas que tinha muito de parecido com a Terra. Via enormes e verdes bosques povoados de pinheiros. Vislumbrei uma cabana de troncos em que haviam algumas pessoas a me fazer sinais. Desci e tive a agradável surpresa de ver que ali estava o Mestre Samael Aun Weor com alguns familiares e discípulos conhecidos. Todos me receberam com efusivos abraços e uma alegria que não posso descrever.

Em seguida, o Mestre convidou-me a caminhar. Andamos pelo bosque até que chegamos a uma ponte de pedra, onde o Mestre me explicou que aquele planeta era a Lua de épocas passadas, quando nela havia habitantes, animais e vegetação, que era a antiga Terra-Lua ou Terra-Mãe-Lua. E me mostrou rios, montanhas e grandes mares. Poderia me explicar como é possível se visitar outro planeta e em épocas tão remotas como essa?

Já vê você, distinto cavalheiro, o que é o desdobramento astral. A alma pode se transportar a outros planetas e conhecer muitos mistérios. Você foi de fato, em alma ou em espírito, como queira, a esse satélite que resplandece nas noites estreladas.

Certamente, lá encontrou meu espírito na citada ponte, porém o que você viu: a ponte, a vegetação, o rio, etc. pertence ao passado sumamente antigo, porque a Lua hoje é um cadáver. É bom que você saiba que os mundos, as pessoas, os vegetais e os animais nascem, crescem, envelhecem e morrem. em nome da verdade devo dizer-lhe que hoje a Lua é um cadáver.

Esse satélite teve vida abundante, passou por sua infância, por sua juventude, por sua maturidade, envelheceu e morreu.

A alma pode ver não somente o futuro e o presente, como também o passado. O que você viu corresponde exatamente àquela época passada em que a Lua teve rios caudalosos, mares profundos, vegetação exuberante, vulcões em erupção, vida vegetal, animal e humana.

Quero que saiba, os selenitas existiram. A Lua teve sete raças humanas através de sucessivos períodos históricos. As primeiras raças foram de gigantes e as últimas de liliputianos, isto é, pequeníssimos. As últimas famílias humanas que viveram na Lua poderíamos catalogá-las como de homens formigas. Não se espante com o que digo, isto sempre acontece em todos os planetas. As primeiras raças são de gigantes e as últimas demasiado pequenas. Felicito-o por ter recordado o que viu e ouviu na Lua.

Futuramente, os arqueólogos encontrarão debaixo do subsolo lunar ruínas de cidades antiquíssimas. Você verá as notícias em todos os jornais.

Em julho de 1969, tendo a oportunidade de visitar um povoado do estado de Hidalgo em companhia do Mestre Samael Aun Weor, sua família, um amigo, um discípulo e um humilde criado, partimos de automóvel em uma tarde muito chuvosa e algo fria. Seguíamos para uma zona arqueológica e pensávamos que não ia ser possível visitar o lugar proposto, já que chovia forte na estrada e havia pouca visibilidade.

Percorremos assim quase todo o caminho e ao chegarmos vimos com surpresa que o tempo melhorava no povoado para onde nós dirigíamos, enquanto que ao redor dele permanecia carregado de nuvens negras.

Pudemos visitar a zona arqueológica praticamente na sua totalidade. Em dado momento, notei que o Mestre fazia algumas concentrações instantâneas e posteriormente comentou com sua esposa que a permissão já se havia terminado. A mim perguntou se me havia dado conta do fenômeno produzido. Respondi afirmativamente, já que era evidente que ele solicitara para que a chuva parasse. Então disse para que subíssemos no carro e logo em seguida começou a chover a cântaros. Poderia me explicar como foi possível aquele milagre?

Saiba que os quatro elementos, terra, fogo, água e ar, estão densamente povoados por criaturas elementais da natureza. Pode ser que estranhe o que estou expondo, porém em todas as épocas da história existiram tradições sobre isso que se chama duendes, fadas, ninfas, nereidas, silfos, etc. Pois são esses os elementais e são assim chamados porque vivem nos elementos. Os pigmeus, por exemplo, vivem entre as rochas da terra, as salamandras vivem no fogo, os silfos no ar e nas nuvens, por fim as nereidas na água.

As pessoas incrédulas não aceitam nada disto, mas penso que você seja uma pessoa que tem fé, por isso com o maior prazer explico e respondo sua pergunta. Por meio de certas fórmulas secretas, meu próprio espírito deu ordens aos silfos que vivem nas nuvens para que as afastassem. Você não deve ignorar que as águas são manejadas pelas ondinas. Se os silfos promovem correntes psíquicas especiais, levam as nuvens, mexem-nas, afastam-nas do lugar e com elas vão também as ondinas. Por conseguinte, momentaneamente pode-se afastar a chuva. Porém, isto somente o fazemos, nós os Iniciados, em ocasiões especiais, porque do contrário se estabeleceria a desordem na natureza. Quando um Iniciado gnóstico realiza um milagre desses, o faz sempre com permissão dos Seres Superiores.

O milagre que você presenciou foi necessário, pois era preciso se estudar alguns monólitos de Tula, por certo bastante interessantes.

Em uma prática em que quis recordar minhas vidas passadas, tal como nos ensinou, trouxe as seguintes experiências:

Vi-me nas pirâmides de Teotihuacán na época dos astecas, bem onde se encontra a Cidadela. Havia uma grande multidão que aclamava e vociferava. Em toda a Avenida dos Mortos havia gente do povo, soldados e políticos ricamente adornados com penachos, braceletes, sandálias, ornamentos de ouro e pedrarias.

Por aquela avenida caminhávamos com as mãos e pescoços atados; éramos prisioneiros. Rodeados por vários soldados vestidos de Cavaleiros Tigres e Cavaleiros Águias fomos levados ao pé da pirâmide do Sol, onde ardia uma grande fogueira. Ao chegarmos à plataforma colocaram-nos em forma. Um sacerdote fez um sinal e todos se calaram. As chirimias e os teponaztlis começaram a soar e surgiram donzelas bailando danças de uma faustosidade indescritível. Terminadas as danças, apareceram doze anciãos que compuseram uma espécie de corte marcial e nos julgaram.

Posteriormente, vendaram-nos os olhos e fizeram-nos subir os degraus da pirâmide. Alguns resvalaram e caíram, já que escutavam o ruído e os gritos de dor. Lembro-me que sentia os degraus estreitos que mal davam para a metade do pé. Ao chegarmos à parte superior, houve invocações, orações e ofertórios. Depois, fomos sacrificados ao Deus Huichilopotxtli. Poderia explicar o que me aconteceu nessa reencarnação ou retorno?

Em plena meditação, você quis recordar suas vidas passadas. Adormeceu um pouco e sua alma saiu do corpo de carne e osso. Depois vieram as diversas cenas, lembranças de um passado. Convido-o a compreender que você viveu entre os astecas no antigo México. Viu como os delinquentes eram julgados e como eram depois sacrificados aos deuses. Portanto, nem todos os imolados no altar dos sacrifícios humanos foram vítimas inocentes. Saiba pois que, no México pré-colombiano, havia sacrifícios humanos.

CAPÍTULO 11

NEGÓCIOS

Senhor, tenho um negócio e ultimamente tenho atravessado uma situação econômica difícil. Meu estabelecimento vai mal, os clientes se retiram ... Que devo fazer?

Antes de tudo, estimado amigo, devo dizer-lhe que precisa guardar 40 dias de castidade absoluta, pois entendo que você tem vivido uma vida muito profana, tem sido muito fornicário, gastando torpemente suas energias sexuais.

É indispensável, urgente, que compreenda a íntima relação existente entre a glândula pineal e os órgãos sexuais. Não se surpreenda com o que digo. Essa pequena glândula encontra-se situada na parte superior do cérebro.

Todo estudante gnóstico sabe muito bem que em nosso organismo temos estabelecido todo um sistema sem fim. O plexo solar, situado na região do umbigo, é a antena receptora ou telepática que capta as ondas mentais de nossos amigos e inimigos e as transmite à mente. A glândula pineal é o centro emissor do pensamento, transmitindo ondas às diversas pessoas e lugares.

É claro que os grandes comerciantes, os grandes líderes de todos os tempos, tiveram essa glândula bem desenvolvida. Quando se malgasta a energia sexual, a glândula pineal se debilita e se degenera. Já não podendo emitir as ondas mentais com força, sobrevem o fracasso nos negócios.

Como você é um homem profano que nada sabe sobre os nossos estudos esotéricos, a única coisa que posso lhe aconselhar é que guarde pelo menos 40 dias de castidade absoluta para acumular energia sexual e dar força à glândula pineal. Assim melhorará a sua situação econômica; fará uma troca favorável. Ademais aconselho a levar enxofre nos sapatos. Não se surpreenda! Lembre-se que as emanções etéricas do enxofre limparão a sua atmosfera pessoal.

Você precisa saber que com a fornicação se formam muitas larvas invisíveis ao seu redor, em sua aura. Delas existem múltiplas espécies. Com as emanções provindas do enxofre, essas asquerosas larvas se desintegram a sua atmosfera clareia. Ademais, convém que limpe o ambiente onde tem o seu negócio. Faça queimações de enxofre por uns nove dias. Depois faça queimações com açúcar para adoçar o ambiente e para torná-lo agradável também por nove dias.

Estamos falando de ocultismo e penso que você me compreendeu. Já que precisa melhorar seu negócio.

Poderia me dizer o que devo fazer para prosperar? Vendo artigos no interior sem ter negócio estabelecido. Há meses que não consigo cobrar nada.

Compreendo a sua situação, meu amigo. Com toda a sinceridade quero lhe dizer que quando alguém segue exatamente os dez mandamentos da lei de Deus, quando reza diariamente ao Pai Secreto, a sua situação só pode melhorar. O Pai lhe dá tudo e nada lhe fará falta. Mas quando alguém se comporta mal, quando não cumpre os dez mandamentos, quando não se entrega ao Pai, então Ele se ausenta e você cai em desgraça.

Siga meus conselhos. Faça muitas obras de caridade. Guarde castidade. Banhe-se com ervas aromáticas, tais como menta, camomila, eucalipto, noqueira, etc. Use estas plantas por 40 dias em seu banho diário e faça obras de caridade às toneladas. Somente assim melhorará a sua situação econômica.

Porém, o que você entende por castidade?

Meu amigo, não vou explicar-lhe o Arcano AZF de nossos estudos gnósticos porque não entenderia. Este livro é tão somente uma cartilha elementar para quem jamais estudou nossas obras. Me limitarei unicamente a repetir para que guarde 40 dias de abstenção sexual em pensamento, palavra e obra; isso é tudo. Se você quiser se aprofundar em nossos estudos, leia nossos livros mais avançados.

Poderia me explicar que obras de caridade posso fazer?

Saiba que obras de caridade são as obras de misericórdia: dar a comer ao faminto, dar de beber ao sedento, vestir o desnudo, ensinar o que não sabe, curar os enfermos, etc.

Poderia me dizer quando devo fazer uma obra de caridade, quando não e a quem?

Ninguém é juiz para julgar, ademais a caridade não precisa de juiz. Isto faz parte do bom senso. Dar de comer ao faminto é algo bastante humano porque até aos presos se lhes dá de comer, senão morreriam de fome. Dar de beber ao sedento é algo lógico, já que seria demasiado cruel se negar um copo com água com alguém com sede. Presentear com uma camisa o mal vestido é natural, consolar um aflito é humano; para isso não se precisa de juizes. Contudo seria absurdo dar-se álcool a um bêbado ou emprestar armas a um assassino. Amor é lei, porém amor consciente.

CAPÍTULO 12 ASSUNTOS DE AMORES

Quero pedir-lhe um favor. Acontece que meu marido separou-se de mim por causa de outra mulher. Sofro o indizível e não sei o que fazer e não sei o que fazer. Como você conhece as ciências ocultas, parece-me que poderia ajeitar a minha situação. Sei que dispõe de força mental maravilhosa e que pode dominar a mente alheia, suggestionar o ser amado e pô-lo aos meus pés através da magia. Que preço cobraria você pelo trabalho? Poderia pagar-lhe o que quisesse.

Creio que a senhora se equivocou. Não sou mago negro. Utilizar as forças da mente para subjugar os outros, para escravizá-los, para obrigá-los, é violência e todo ato violento é magia negra. Cada um vive sua vida e ninguém tem o direito de intervir nos assuntos alheios. É absurdo querer dominar os outros.

Quando será que as pessoas aprenderão a respeitar o livre arbítrio dos demais? Crê você por acaso que se pode obrigar impunemente alguém a amar os demais à força? É necessário que saiba que esse tipo de ações de magia negra se paga com castigos muito fortes. Os Anjos do Destino não estão dispostos a perdoar semelhante delito. Se você continuar por esse caminho receberá seu castigo.

No mundo, existe muita gente dedicada à bruxaria, à feitiçaria e à magia negra. Milhares de feiticeiros vivem desse negócio sujo e é claro que tais pessoas não progridem porque a magia negra só traz miséria, fome, nudez e suprema dor.

O Castigo das pessoas que se dedicam à feitiçaria pode atingir também seus filhos?

O ambiente dos magos negros costuma ser desastroso. Os filhos desses tenebrosos também são tenebrosos. É normal que as almas perdidas busquem progenitores ou pais terrenos que sejam magos negros. Não é de se estranhar que os filhos dos perversos também sejam perversos e caiam na desgraça.

É lamentável que as pessoas não entendam que o livre arbítrio dos demais tenha de ser respeitado. Sempre existe a tendência nefasta de dominar os outros à força, de querer impor idéias ao próximo, de tentar obrigar o semelhante a fazer o que nos dá na cabeça. Tudo isso se paga muito caro: lágrimas, miséria e suprema dor.

Por que os magos negros acham que estão fazendo um bem a humanidade, pois crêem que mesmo cobrando estão ajudando as pessoas a resolver seus problemas?

Quero dizer-lhe que a lógica do absurdo existe. Para os tenebrosos o branco é negro e vice-versa. Recorde que o caminho que conduz ao abismo está empedrado de boas intenções.

Constantemente, chegam-me cartas de todas as partes solicitando este tipo de serviço. Realmente, a humanidade causa pena. Alguém está entregando uma mensagem divina às pessoas e ao invés de se preocuparem com o estudo de tal mensagem, a única coisa que lhes ocorre é escrever **dizem que** para que lhes recupere seus maridos, para que domine a mente da mulher desejada ou ainda para que me meta no pensamento alheio com o propósito de que fulano pague tanto a beltrano, etc. Verdadeiramente, tudo isso causa-me profundo desgosto. Não escrevem para pedir orientação esotérica, para esclarecer ensinamentos, mas para que domine os demais ao seu gosto. Eis o estado em que se encontra a humanidade.

Nestas condições, prefiro que não me escrevam porque só me preocupo em ensinar, em mostrar o caminho da libertação, em indicar a meta que conduz à verdadeira felicidade de espírito. Infelizmente, as multidões não querem saber disso. Há pessoas que têm o poder de sugestão mental em alta cotação. Cobram tantos pesos ou tantos dólares por cada sugestão e outros tantos para por um espírito (como dizem os pseudo-espiritualistas) à disposição para que faça o ser adorado ou amado deixar a outra pessoa em cujos braços dorme e voltar chorando para casa, etc.

Todos esses negócios sujos pertencem ao abismo, aos tenebrosos. Aqueles que exercem tais afazeres, de boa ou má fé, entrarão inevitavelmente no abismo, onde apenas se ouve o prato e o ranger de dentes.

Eu sou cartomante e posso jurar que digo a verdade às pessoas. Ajudo-as em seus problemas, ainda que lhes cobre, enfim esta é a minha maneira de viver. Crê você que esteja agindo bem?

Horrível maneira de viver tem você. De fato, és uma adivinha, uma feiticeira. Acreditas por acaso que com o diabo metido no meio do negócio, no próprio reino do coração, pode-se dizer a verdade? Você bem sabe e de uma vez por todas convém que não mais ignore que leva no fundo do seu coração o Eu Pecador dos mortais, o próprio Satã. Pode porventura estar iluminada uma pessoa que não chegou à santidade? O fato mesmo de cobrar por pregar ou adivinhar já é um delito.

Você pensa que age bem, porém não estranhe, no abismo vivem muitos anacoretas, penitentes, feiticeiros, bruxos, adivinhos, que se imaginam mártires e que também julgam estarem indo muito bem.

Então poderá dizer-me se meus filhos, a quem ensinei minhas crenças, também vão mal?

Tratando-se de credices sobre lançar sorte, adivinhar fatos, etc., tenho de lhe dizer que vão mal. Repito, não é possível conhecer o destino dos demais se não conhecemos o nosso próprio destino, se antes não chegamos ao despertar da consciência. Semelhante despertar resulta impossível se antes não morremos o Eu Pecador.

Apesar de haver estudado em escolas esotéricas muitos anos e de me haver abstinido do sexo, sendo casada, crê você que não haja salvação para mim?

O que sei é que você vai muito mal. É casada e rechaçou ao consolador de que nos falara Jesus Cristo. Refiro-me ao Espírito Santo. De fato, o Espírito Santo está no sexo. Sabendo-se maneja-lo, atinge-se a iluminação, mas você o odeia e nem sequer cumpre seus deveres sexuais com seu marido. Ainda acha que vai indo bem? Recebeu informação de cunho ocultista ou pseudo-ocultista, mas nada realizou. O Eu Pecador está muito vivo em você. Reconheça-o, arrependa-se, estude nossos livros.

Faço trabalhos de todo tipo. Arrumo maridos alheios, faço vir gente à força, etc... e estou muito bem economicamente, já que ganho muito dinheiro. Que teria a declarar a respeito?

A miséria no seu caso virá um pouco mais tarde, nesse ínterim, contente-se com os sofrimentos morais que tem e que não são por certo muito agradáveis. Lembre-se que tem um filho enfermo, atacado de epilepsia. Semelhantes enfermos são na realidade possessos

do demônio. Não o entende? Não quer entender? A sorte que a aguarda é o abismo e a Segunda Morte.

CAPÍTULO 13 FEITIÇARIAS

Por ser aniversário de minha irmã, fui até a sua casa, onde não ia há bastante tempo, já que ela somente aparecia por lá de oito em oito dias. Chegando lá, encontrei-a bastante enferma sem saberem os médicos o que tinha. Ela me explicou que se sentia assim de noite e não podia dormir por falta de respiração. Fazia já algum tempo que isso ocorria. Disse-me também que quando queria ler certo livro esotérico que lhe havia emprestado, punha-se tão mal que não conseguia lê-lo, a não ser que o invocasse e fizesse a Conjuração dos Sete que eu tinha lhe dado.

Vendo-a tão enferma, nasceu do meu coração o ímpeto de tomar dois ovos e de limpá-la com eles. Enquanto assim agia, recitava a Conjuração dos Sete que você nos tinha ensinado. Em poucos minutos, ela sentiu-se melhor e pode respirar perfeitamente., Desejo que me diga se agi direito e a que foi devido essa enfermidade?

Não há dúvida que os tenebrosos sabem atacar as pessoas que buscam o sendeiro da luz. As potências das trevas vivem no mundo invisível. Elas vigiam e quando vêem que uma alma tenta escapar de suas garras fazem de tudo para desviá-la, para afastá-la do caminho luminoso. Você agiu muito bem curando a sua irmã. Não resta dúvida que o ovo, usado da maneira que você usou, possui certo poder mágico maravilhoso que permite a eliminação de certas larvas e fluídos malignos que se acumulam na atmosfera das pessoas, ocasionando diversos mal-estares.

As pessoas que lêem estas linhas precisam conhecer a Conjuração dos Sete do sábio Salomão. Este conjuro afugentou os tenebrosos que atacavam sua irmã. É bom que se aprenda de memória esta conjuração a fim de se usá-la no momento em que dela se precisar. Tomem nota deste conjuro que textualmente diz o seguinte:

CONJURAÇÃO DOS SETE

Em nome de Michael, que Jehová te mande e te afaste daqui, Chavajoth!

Em nome de Gabriel, que Adonai te mande e te afaste daqui, Bael !

Em nome de Raphael, desaparece ante Elial, Samgabiel!

Por Samael Zebaoth e em nome de Elohim Gibor, afasta-te Andramelek!

Por Zachariel e Sachiel Meleck, obedece ante Elvah, Sanagabril!

No nome divino e humano de Schaddai e pelo signo do Pentagrama que tenho na mão direita! Em nome do anjo Anael! Pelo poder de Adão e Eva, que são Jot-chavah, retira-te Lilith! Deixa-nos em paz, Nahemah!

Pelos santos Elohim e em nome dos gênios Cashiel, Sehaltiel, Aphiel e Zarahiel, ao mandato de Orifiel, retira-te Moloch! Nós não te daremos nossos filhos para que os devores!

Outro dia, voltei a sua casa com outro irmão gnóstico. Como a encontrei muito sombria, juntos queimamos enxofre, incenso e mirra por toda a casa. Pusemos o pentagrama

esotérico que você havia magnetizado e fizemos cadeias chamando a todos os Mestres da Fraternidade Branca para que nos ajudassem. Fiz bem?

As queimações são úteis para limpar a atmosfera das casas. O enxofre, por exemplo, desintegra larvas; os outros há que se saber usá-los. Você devia queimar o enxofre por uns nove dias seguidos para purificar a atmosfera da casa, limpando-a das larvas astrais. Depois, continuar com os outros perfumes porque o incenso e a mirra são úteis, mas não se misturam com o enxofre; são incompatíveis.

O conde Cagliostro invocava os quatro Santos ou os quatro Anjos que, situados nos quatro pontos cardeais da terra, governam o destino dos seres humanos. Não há dúvida que o conde Cagliostro usava também as queimações para isso. Oferecia louro ao gênio da luz que vive no oriente, murta ao anjo do ocidente, incenso ao rei do norte e mirra ao rei do sul. Em um caso grave, pode-se invocar estes quatro Santos, oferecendo-lhe seus perfumes correspondentes e pedindo-lhes de coração a ajuda almejada.

CAPÍTULO 14 MEDICINA OCULTA

Mestre, que me diz você sob as curas à distância?

Constantemente, chegam-me cartas de diversos lugares do mundo solicitando tais curas. Nós nos limitamos à medicina espiritual, indicamos a hora precisa em que podem nos invocar, isto é, em que podem, concentrados, pensar em nós. É claro que nós assistimos aos enfermos espiritualmente e algumas vezes até nos fazemos visíveis diante deles.

Comumente, instruímos no sentido de que acendam três fogos em determinada e conveniente hora. Aconselhamos a por um copo com água diante desses três fogos. Insinuamos ainda que, depois de uma meia hora de concentração em nós, bebam tal água. É justamente nessa água que depositamos certas substâncias que ao serem levadas ao interior do organismo costumam realizar curas maravilhosas.

Nos trabalhos de cura, cooperam vários Mestres tais como Paracelso, Hilarion, São Rafael e outros mais. Nem sempre indicamos a concentração específica em Samael. Eu tenho muito trabalho. Indicamos também qualquer outro dos Mestres da Medicina. Indicamos também os enfermos tenham fé porque esta produz milagres. O Cristo já disse: **Tende fé como um grão de mostarda e movereis montanhas**. A fé é um maravilhoso poder solar com o qual podem ser realizados muito prodígios. Nosso sistema de cura espiritual não causa briga com os doutores, cada um pode ter fé em nossos métodos e consultar no mundo o seu médico.

Quaisquer enfermos podem ser curados através desses métodos?

Os Mestres da ciência curam o corpo vital, medicam-no e o resultado mais tarde é a cura do organismo físico. Sem dúvida há enfermidades cármicas muito graves, resultado de mas ações, cometidas em vidas anteriores. Quando o castigo é muito severo, a cura torna-se impossível, porém os Mestres da Medicina assistem e tratam de aliviar o paciente.

Pode haver cura sem que haja necessidade da atenção médica?

Quando a pessoa não deve um carma muito grave, os Mestres da ciência podem curar o enfermo, ainda que ele não consulte doutor nenhum.

Todas as enfermidades são cármicas?

Não há necessidade de se exagerar as coisas, cara senhorita. Nem todas as enfermidades são de origem cármica, por isso muitos pacientes saram rapidamente com nossos procedimentos psíquicos ou espirituais.

Poderá dizer-me se existe a enfermidade do mau-olhado?

Tenho de dizer-lhe que nas cidades morrem milhares de crianças devido ao mau-olhado. Acontece que nos países supercivilizados, as pessoas não acreditam em tal doença e por isso a mortandade aumenta de maneira geral. Qualquer pessoa com força hipnótica inconsciente, ao olhar um menino, fere violentamente seu corpo vital e o resultado não se faz muito esperar. Em seguida surge na vítima grandes olheiras, vômito, febre, diarreia, etc.

Os médicos costumam diagnosticar infecção intestinal e receitam muitos antibióticos, xaropes, etc. No entanto, as crianças ao invés de melhorar pioram e morrem.

Que se pode fazer são fortes passes magnéticos, de baixo para cima, sobre o rosto e pálpebras do menino com o firme propósito de eliminar os fluídos vitais tenebrosos. Convém acender um fogo, vela ou chama e ler às crianças a Conjuração dos Sete do sábio Salomão tal como está escrita neste livro. Deve-se também benzer o menino enfermo na frente, no peito, sobre a cabeça e nas espáduas, enquanto se lê os quatro evangelhos.

Ler os quatro evangelhos é muito comprido, não se poderia abreviar alguma coisa?

Sim, senhorita. Podem ser lidas as bem-aventuranças com verdadeira fé para lançar um fluído curativo suficientemente forte que desaloje os maus fluídos acumulados no organismo do enfermo. Assim deverá se curar.

Existe então enfermidades causadas por feitiçaria?

O mundo está cheio disso, distinta senhorita. Posso citar inúmeros casos, mas antes de tudo quero dizer-lhe que a primeira coisa que se necessita é o diagnóstico exato; somente assim se atinge a cura.

Infelizmente, são muito raros os curadores que sabem diagnosticar de verdade uma doença ocasionada por feitiçaria. Vou citar um caso especial relatado pelo sábio Waldemar. Segue entre aspas porque não me agrada ser adornado com plumas alheias, mas como é realmente um caso sensacional, é bom que nossos leitores o conheçam:

Um dos casos mais interessantes de ciúmes vampirescos o experimentou o investigador e ocultista francês Eliphas Levi (abade Constant) .

Durante sua permanência em Londres, Eliphas Levi travou amizade com um jovem duque, cuja casa visitava quase que diariamente. Fazia pouco tempo que o duque tinha se casado com uma jovem princesa francesa de extraordinária beleza, contudo o fizera contra a vontade de sua família protestante, já que a jovem era católica praticante. O duque, como o comprovou Levi, tinha levado durante muitos anos uma vida um tanto frívola, para não dizer libertina, tendo por amante durante muito tempo uma jovem italiana, bailarina de balé. No fim a abandonou já que na realidade amava apenas a sua esposa.

Certa tarde, enfermou a duquesa, motivo que a levou a acamar-se. Os médicos diagnosticaram um princípio de gravidez, porém logo ficou demonstrado que a sua debilidade devia ter outra causa. Apesar de o duque haver consultado os mais famosos médicos de Londres, eles viram-se diante de um enigma. Foram empregados os mais diferentes remédios sem êxito algum. Frequentava o palácio do duque também um velho abade francês que conhecia a princesa já de Paris. Esse ancião agradou-se de conversar com Eliphas Levi especialmente de problemas metafísicos, pois ele também se interessava sobre o tema há décadas e não apenas teoricamente.

Certa noite ficaram a sós no salão, pois o duque preocupado se fora para o quarto para ficar ao lado de sua esposa enferma. Era uma noite fria e úmida. Fora, a célebre névoa londrina ondulava empanando a luz dos lampiões. De repente, o abade agarrou uma das mãos de Levi e disse com voz baixa: “Escute, querido amigo, desejaria falar de algo com você.

Posso confiar com sua inteira descrição?”. Levi respondeu afirmativamente e o abade prosseguiu: “Tenho todos os motivos para supor que a doença da duquesa não é natural. Conheço a Mildred desde pequena e sempre foi uma garota mais saudável do que se possa imaginar. Agora, torna-se lânguida e se debilita dia-a-dia; parece-me que está sendo desangrada misteriosamente”.

“Acredita você que se ache sob o influxo de algum poder obscuro? Que está em jogo algum sortilégio?” perguntou Levi. “Posso confiar e muito em minha voz interna e por isso quase me atrevera a dizer que nessa enfermidade há algo que não vai como deve. Queres ajudar-me a romper o encantamento.” “Com muito prazer”, respondeu Levi. “Bem, em tal caso não devemos perder mais tempo. Agradeceria que meia hora antes da meia-noite viesse ao meu domicílio para uma conjuração conjunta. Tentarei interpelar o poder tenebroso. Caso nos chegue uma resposta do além ...” Depois desta conversação, Eliphas Levi tomou um coche e rapidamente trasladou-se para sua residência, onde se lavou, se enfeitou e mudou de roupa das cabeças aos pés, pois os espíritos da zona média, que era os que o abade pretendia invocar, exigiam de seus conjuradores a mais escrupulosa limpeza. Também o traje devia estar de acordo com sua natureza; não suportavam nenhum tecido animal pelo que ficavam descartados os de lã, assim como os sapatos de couro ou de qualquer pele.

Como a casa do abade situava-se no nordeste, em Hampstead Heath, e Eliphas Levi vivia na praça Russel, ou seja, que era considerável a distância entre ambos lugares, Eliphas Levi teve de fazer seu exigente asseio com certa pressa, uma vez que queria estar lá no horário combinado. Uns quarenta minutos antes da meia-noite chegou a Hampstead Heath. O abade em pessoa, todo de branco, abriu-lhe a porta e o conduziu por uma elevada escalinata a um aposento que se achava em um extremo do corredor do primeiro piso. Os olhos de Eliphas Levi tiveram primeiro de acostumar-se com a obscuridade: chamazinhas azuladas e trêmulas queimavam um incenso que cheirava a âmbar e a almíscar.

Nessa luz incerta, Eliphas observou uma grande mesa circular que se encontrava no centro da habitação e plantado sobre ela o crucifixo invertido, símbolo do falo. Junto à mesa estava um homenzinho delgado. O abade comentou: “É meu criado. Você já sabe que é indispensável a cifra de três para estas conjurações. Começa você com a primeira invocação”. Este convite da parte do abade era mais que uma cortesia, pois as potências da zona média poderiam enojar-se e vingar-se sobre o dono da casa, causando-lhe até a morte, caso permitisse rebaixar a harmonia de sua esfera por um intruso incompetente. Ceder pois a invocação ao amigo era mostra de que considerava a Eliphas como mestre de primeira categoria na magia. Tal suposição era em verdade justificada. Se alguém podia executar com êxito, com gesto desembaraçado e sem temor, com coração puro e uma vontade fortalecida por numerosas provas, as cerimônias milenares da sagrada magia, era este homem. Ele exercia no reino dos espíritos tanto domínio quanto no mundo das criaturas encarnadas e adeptos.

Entre o véu de fumo, Eliphas estendeu a mão instintivamente à esquerda. Lá devia estar o recipiente com água benta que devia ter sido recolhida em uma noite de plenilúnio de uma cisterna, velando-se e orando-se sobre ela durante vinte e uma noites. Em seguida, fez uma aspersão pelos quatro ângulos da habitação. O abade fazia às vezes de acólito e movimentava o incensário ondulatoriamente. No fumo, começaram a formar-se figuras estranhas e, ao mesmo tempo, pareceu-lhes que um frio, gelado, brotava do chão e chegava-lhe até a ponta dos cabelos, dificultando-lhes a respiração. Eliphas Levi proferiu

agora com mais força as palavras de invocação. Subitamente, as paredes do quarto pareceram retirar-se como se um abismo infinito e astral se abrisse na frente deles, ameaçando engoli-los. Brilharam os esplendores de uma cintilantes luminosidade e os olhos se cobriram para não ofender o espírito invocado com um olhar indiscreto.

Com régia voz, Levi perguntou a causa da enfermidade da duquesa Mildred. Não recebeu resposta. As emanações de fumo ficaram espessas de tal modo que ameaçaram sufocar os sentidos. Precipitando-se rumo a janela, Eliphas ouviu subitamente uma voz, a qual ainda que forte e retumbante parecia sair do mais profundo de si mesmo e encher todo o espaço de sua alma. O que a voz lhe gritou era tão espantoso que suas pernas se negaram a mover-se e ficou como que petrificado no mesmo lugar onde se encontrava. Agora foi a vez do abade se precipitar para junto da janela, porém suas mãos trêmulas, sem forças, não conseguiram abri-la. O criado que assistira passivamente a invocação jazia desmaiado no chão. Por fim, Eliphas saiu de sua paralisia e rompeu o cristal com o crucifixo, absorvendo o ar fresco da noite com fruição em companhia do abade, especialmente ele que banhava por assim dizer, sua cabeça febril na névoa úmida. Por todos seus nervos corria a espantosa acusação que o misterioso espírito havia lançado com clareza inequívoca contra ele. Quando por fim se recobrou, voltou para o quarto. O fumo tinha se dissolvido, mas a lamparina seguia ardendo tenuemente. O abade palidíssimo contemplava a Eliphas com os olhos dilatados e balbuciou: “Você é realmente culpado, meu amigo? Não posso acreditar!”.

“Você também ouviu a resposta do espírito?”, perguntou Levi. O abade deixou cair a cabeça, como que oprimido, num gesto de concordância. “Sim...”, sussurrou apenas perceptivelmente. Levi se manifestou com veemência: “Juro-lhe que tomei o símbolo com mãos puras e que em minha vida jamais cometi um crime. Juro-lhe que não estou manchado de sangue”. Ao dizer estas palavras, aproximou-se mais da lâmpada de maneira que o brilho dela caiu em cheio sobre ele. Espantado, o abade apontou com o dedo a mandíbula e a peiteira da camisa de Eliphas. “Aí, olhe você mesmo no espelho...”, disse tomando a mão do amigo e conduzindo-o a um grande espelho de parede que pendia no quarto contíguo. Ali, comprovou Eliphas um corte em sua barba com umas gotinhas de sangue; também em sua camisa apareciam outras gotinhas. Devia ter se cortado ao fazer apressadamente a barba... Assim, a resposta do espírito explicava-se perfeitamente: “Eu não falo com alguém manchado de sangue”.

Levi sentiu seu coração se aliviar de um enorme peso, não obstante o abade parecia mais acabrunhado e tinha se deixado cair sobre um sofá, contraía os ombros convulsivamente e escondia o rosto com as mãos, Levi tentou acalmar o ancião, porém ele o rechaçou dizendo: “Trata-se da pobre Mildred, cada hora consome sua vida. Não fosse por isso, poderíamos invocar o espírito de novo em três vezes 21 dias, com as devidas oferendas e orações ... porém o tempo é demasiado, nesse ínterim Mildred morrerá”. Levi não soube o que responder e fechou-se em um denso silêncio que obrigou o abade a levantar-se e a andar com passos vacilantes de um lado a outro da sala: “Custe o que custar, devo obter uma resposta... a qualquer preço. Prometa, meu amigo, que não me abandonará!. Uma vigorosa determinação lia-se na mirada do ancião e para tranquilizá-lo Eliphas respondeu: “Dou-lhe a minha palavra. Ponho-me a sua disposição como mago. Como o objetivo ainda não foi alcançado, mantenho a palavra dada”. “Então, permaneça aqui, dentro de doze horas efetuaremos outra conjuração; invocaremos os espíritos da zona baixa”, disse o abade. Eliphas sobressaltou-se. Teria o velho ficado louco? “Você... o que? Você? ... um filho da

Igreja quer entrar em contato com os espíritos infernais? Não, isso não está sequer na intenção da devota duquesa. Renuncie a isso, não arrisque sua alma”.

É ostensível que invocar demônio é magia negra. Resulta claro que a magia negra traz fome, nudez, enfermidades e calamidades físicas e morais.

Havia tal glacial decisão nas palavras e gestos do abade que Eliphás sentiu que toda réplica seria vã. Contra sua vontade, mais por lealdade à palavra dada, aceitou a solicitação do amigo. Ficou como hóspede na casa. Depois da extraordinariamente fatigante e tensa conjuração anterior, dormiu tão profunda e pesadamente que despertou tarde de manhã.

O dia foi passado com as devidas purificações e orações. De noite, Eliphás recebeu a roupa apropriada para o serviço com o diabo, bem como os demais requisitos. Como já manifestara antes, o abade não tomaria parte ativa na invocação. Somente o assistiria como acólito, mas mesmo assim vestiu-se com a roupagem prescrita.

O que aconteceu após é algo que francamente e de maneira alguma quero transcrever porque há responsabilidades na palavra. Neste caso é preferível calar porque o silêncio é a eloquência da sabedoria. É notório que se alguém transcreve parágrafos tenebrosos, converte-se em cúmplice do delito. Isto é semelhante a ensinar magia negra às pessoas. Felizmente, os invocadores do presente relato não conseguiram tornar visíveis e tangíveis os demônios invocados. A única coisa que conseguiram foi fazer brotar de uma parede uma salamandra, pequena e inocente criatura do fogo.

O abade fazendo provisão de todas suas forças perguntou pela doença da duquesa. “Batráquios” falou a salamandra com voz infantil e no mesmo instante desapareceu. Eliphás viu então como o abade cambaleava e desabava no chão. Imediatamente tomou nos braços seu magro corpo e o levou para o dormitório, onde despindo o ancião o pôs na cama, indo logo buscar o criado para que trouxesse algum reconstituente. Ao voltar, encontrou o abade completamente restabelecido, mas sua aparência era a de um homem abatido, parecia haver envelhecido muitos anos.

Obviamente, o abade estava fazendo esforços sobre-humanos para salvar a duquesa.

“Tudo inútil, a pobre Mildred haverá de morrer. Minha alma ..., ó minha alma... que quer dizer batráquios?”, exclamava com voz febril. “Apenas sei que é uma palavra grega que significa rãs”, respondeu Eliphás.

O criado não tardou a chegar com vinho e biscoitos, porém o abade repeliu todo alimento. Eliphás tomou um pouco e tentou arrancar o amigo de sua desesperada letargia, mas foi inútil sua pretensão em reanimá-lo. Com o coração oprimido retirou-se para sua moradia. No dia seguinte, informou-se sobre como estavam o abade e a duquesa. Mildred ia cada vez pior. Seu médico de cabeceira dava por certo seu óbito. Também o abade achava-se em estado grave. Negava qualquer alimento e inicialmente não respondeu as perguntas do amigo, depois manifestou sua intenção de por fim aos seus dias mediante a inanição. Profundamente entristecido, Levi despediu-se, preocupando-se muito com as trágicas conseqüências do pecaminoso conjuro. Durante as duas tardes seguintes, afundou-se outra vez nos seus costumeiros estudos e enquanto lia o Enquiridion de Leão III deteve-se no ponto no qual, através da chave de Trithenus, se decifrava do esotérico e cabalístico escrito o seguinte: “Um apreciável encantamento maléfico é o da rã.”

Abstemo-nos de entregar a fórmula secreta do sapo para não dar armas aos perversos criminosos da magia negra.

Como um relâmpago, o trecho atravessou a mente de Eliphás. Sem fechar o livro pôs o sobretudo e lançou-se através das ruas de Londres que iam sumindo no crepúsculo vespéral. Por fim, achou uma carruagem e pareceu-lhe insuportável e longo o tempo que levou para chegar ao palácio do duque. Rostos chorosos o receberam. Informaram-lhe: "... a duquesa está em agonia. Já estão administrando-lhe os últimos sacramentos..."

"Eu posso salvá-la", exclamou Eliphás e afastando os espantados criados precipitou-se em direção ao quarto de Mildred, onde achou o duque. Com a respiração ofegante, suplicou-lhe: "Você me conhece o suficiente para saber que sou de confiança. Creia-me pois que não se perdeu toda a esperança. Enquanto a duquesa viver não há porque se desesperar. Rogo que me deixe a sós com ela e pelo amor de Deus não me pergunte nada ... tenha confiança em mim". Ainda que atônito e confuso ao extremo, o duque acedeu ao desejo de Eliphás pedindo aos presentes: um médico, um sacerdote e uma donzela de companhia, que abandonassem a paciente. Uma vez só, Levi fechou a porta atrás de si e se aproximou do leito da princesa. "Era o que supunha", murmuro ao ver Mildred sumida em uma espécie de catalepsia com os olhos brancos. Seus lábios estavam roxos e respirava com suave estertor.

Imediatamente Levi pôs mãos à obra e começou a levantar o assoalho da soleira da porta, porém a madeira resistiu aos seus trêmulos dedos. Sacou sua navalha de bolso, cuja folha se rompeu no frenético intento. Finalmente e com força desesperada conseguiu levantar o sarrafo. Sangravam-lhe os dedos e seu esforço tinha sido baldio ... Nada estava oculto ali. Levantou os tapetes ... tampouco. Tornou a olhar a duquesa que respirava com dificuldade. Reparou que sua mão esquerda pendia singularmente contraída para um lado. "A cama", pensou e com a certeza de agora procurar no lugar certo, levantou a enferma de seu leito e a depositou tão suave quanto pode sobre um sofá que estava contra a parede. Dedicou-se a seguir com uma crescente excitação a revolver cobertores e almofadas, mas nada ... nada de novo.

Tirou o colchão e o desfez, tateou, apalpou, remexeu sua crina ... e... seus dedos tropeçaram com um objeto mole, esponjoso, agarrou-o e retirou-o. Com efeito era aquilo que buscava... precipitou-se para fora do quarto. Provou ao duque em breve explicação o problema e este colocou a sua disposição uma carruagem que o transportou com a maior rapidez a sua casa.

Chegando lá, pôs se a executar uma nova tarefa, a de queimar em chamas de pez e enxofre a besta dos infernos, seguindo ao pé da letra a prescrição de Enquiridion.

Abriu a janela do quarto para o mau cheiro sumir dele. Oprimido por um enorme cansaço, lançou-se vestido como estava na cama e num instante sumiu em profundo sono.

No dia seguinte, foi recebido como um salvador no palácio do duque. De maneira de causar pasmo e absolutamente incompreensível para os médicos, o estado de saúde da jovem duquesa havia melhorado a tal ponto que se podia falar de uma franca superação da crise. A própria Londres, no dia 28 de outubro de 1865, impressionou-se com a sensacional notícia de que a Diva do balé, Maria Bertin, tinha falecido repentinamente sem enfermidade alguma. Esta não foi a única notícia. Poucas horas depois era também arrebatada pela morte

uma parente próxima do duque, uma velha solteirona que tinha sido apaixonada inimiga de Mildred e que em vão tentara impedir o matrimônio do duque com a princesa católica.